

AlmaSurf

17 Surf & Ciência

48

Tita Tavares



61

Luciano Leão
Pat Rawson



36

Nova Zelândia



88

Skate na alma



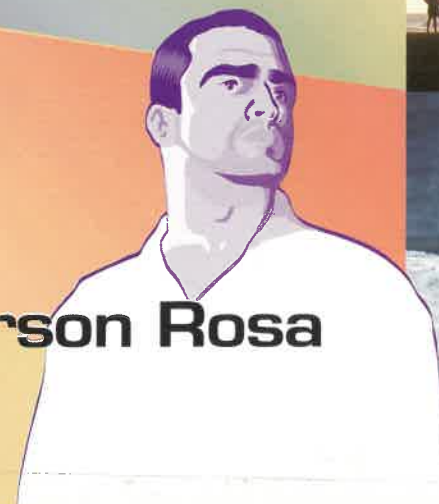
78

Verão havaiano



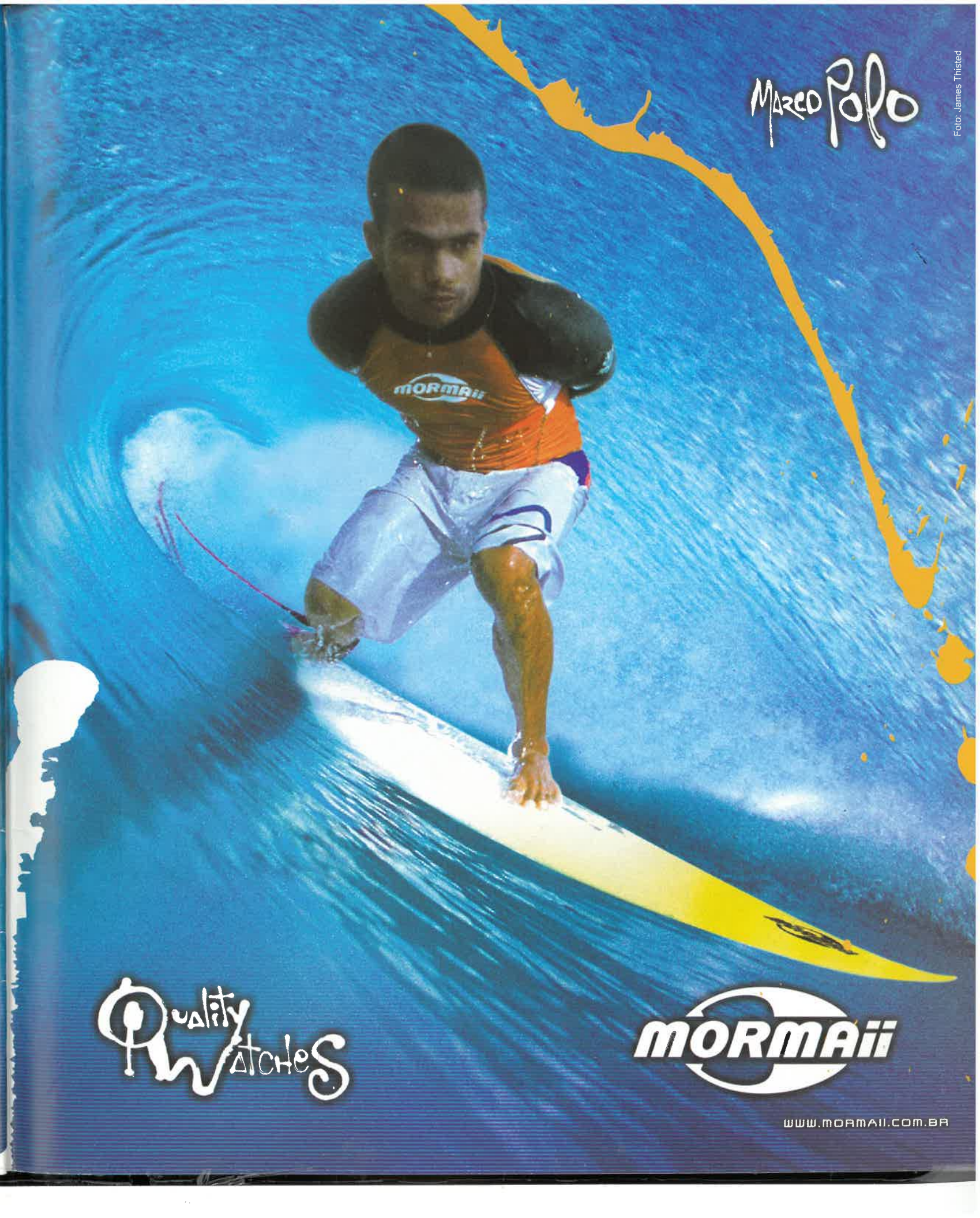
26

Peterson Rosa



MARCO POLO

Foto: James Tristed



Quality Watches



WWW.MORMAII.COM.BR

INHO

south to south



Indústria brasileira levante esta bandeira

BRASIL *Surf brasileiro é o nosso negócio*

NA

AMAURY DU PEREIRA



Natural
Art

SURFING FOR TWENTY YEARS
Teniders

SURF CLOTHES COMPANY
(1 3) 3 2 3 4 4 7 2 7

**TROPICAL BRASIL.
A marca de surf
do WCT BRASIL.**



Surf e Ciência

O exercício da polarização nos leva a níveis superiores de consciência. Essa máxima é o conceito básico do pensamento de Robert Hafe, que sigo há muitos anos, depois de conhecê-lo por meio do seu programa de 7 níveis. Como acredito nisso hoje, apliquei esse princípio na elaboração das pautas sequenciais: edição 16, surf/religião; e edição 17, surf/ciência. O antagonismo das duas nos dá realmente mais consciência do surf total. Marcello Árias, protagonista de ambas as abordagens, representa hoje para mim o surf total e o surf consciente. Nessas duas profundas matérias temos espectro de sobra para fazê-los meditar e analisar o surf com profundidade, o que, como sabem, é o meu maior propósito.

Equipamentos, elementos e experiências com todos os tipos de pranchas, agregados aos "professores pardais" do momento, como Luciano Leão e Pat Rawson, com certeza irão ensinar um pouco mais para vocês.

Paul Kennedy nos mostra seu país, a Nova Zelândia. Para mim, uma oportunidade de mais de me aproximar do lugar onde penso viver pelo menos por um tempo e em breve (não se preocupem, editando a Alma Surf lá), lugar mágico, exótico, forte e polinésio! Tenho certeza que, depois desta matéria, muitos vão querer ir comigo. Vamos?

Nosso perfil da edição é totalmente Brasil Surf: Tita Tavares e Peterson Rosa, biótipo, surf e coração brasileiros, ambos para mim têm a capacidade certa da estatura do que é o surfista brasileiro. Meus Ídolos!

O Skate ganha nossas páginas com o feliz título: "Skate na Alma". A jornalista Juliana Moraes mergulha fundo no universo irmão do surf e, além de homenagear a penca de campeões mundiais que orgulham o Brasil, faz uma belíssima reportagem, alicerçada com nada mais, nada menos, que as redações da Tribo e 100% Stake. É uma honra para nós trabalhar com tanta gente boa no assunto.

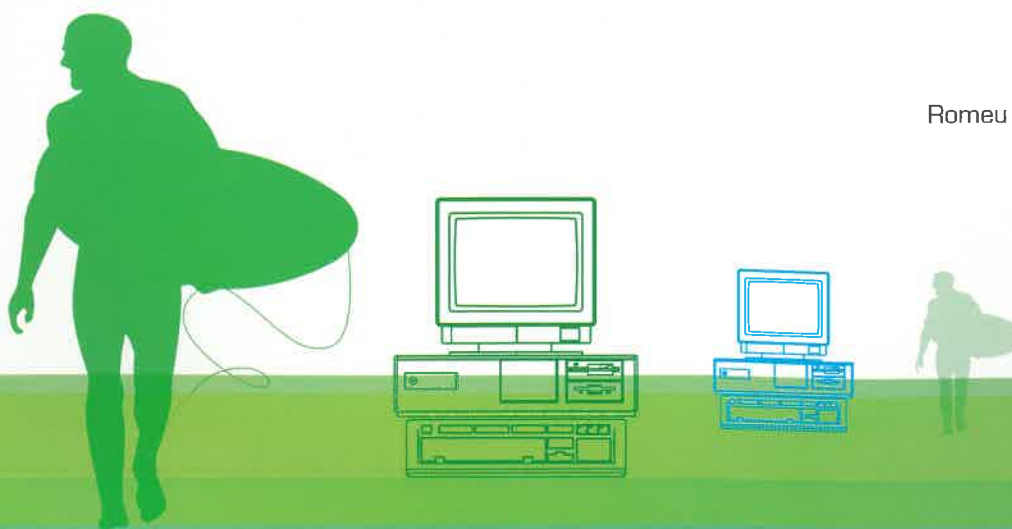
Finalizando o papiri, Mark Lund nos ensina mais e mais o quanto o surf é religião, e eu, bem-aventurado, tenho sido alimentado pelo guru do guru Jens Federico Weskot, uma das maiores autoridades no estudo das manas e dos kahunas, que formam a base da religiosidade polinésia. Temos muito a apreender, evoluir e curtir...

Estou de partida para Califórnia, na busca de ondas, livros, sons, amigos, etc.

Mente e coração juntos, surf no pé. Deus está conosco, quem pode com a gente?

Surfe e medite sempre!

Aloha,
Romeu Andreatta



COSMMOS PRODUÇÃO EDITORIAL
Maria Dias Carvalho
mcosmmos@uol.com.br

ALMA SURF
Publisher
Romeu Andreatta Filho
romeu@almasurf.com.br

Chefe de Redação
Alberto J. R. Woodward
alwoodward@almasurf.com.br

Editor de Arte
Fernando César Siniscalchi
fernandocs@almasurf.com.br

Assistente de Redação
Viviane Palladino
viviane@almasurf.com.br

Revisão
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:

Texto
André Cotrim, José Augusto Aguiar, Juliana Moraes, Marcello Árias, Marcio Vianna, Mark Lund, Paul Kennedy, Robson Brandão, Silvio Mancusi, Taiu Bueno.

Fotografia
André Cotrim, Andre Ferrer, Barry Tuck, Beto Paes Leme, Bruno Lemos, CarveBrasil, Central Surf, Cicero Lehmann, Eaglezen, Eduardo Figueiredo, Família Brasil, Francisco Chagas, G-Zero Store, Hi-Vinds, Homero Nogueira, Levy Paiva, Lisandro de Almeida, Nilton Santos, Otávio Neto, Paul Kennedy, Plasma, Sean Davey, Silvia Wink, Universal Music, Wake na Veia, Yannick Le Toquin

Publicidade
Maria Andreatta
maria@almasurf.com.br
Patrícia Barros
pattbarros@almasurf.com.br
Juliane Catelan
juliane@almasurf.com.br

Departamento Financeiro
Maria Dias Carvalho
mcosmmos@uol.com.br

Distribuição
Dinap S.A.
Distribuidora Nacional de Publicações

Pré-impressão e Fitolito
ArtSim

Jornalista Responsável
Alberto J. R. Woodward
MTB 1822

A revista *Alma Surf* é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

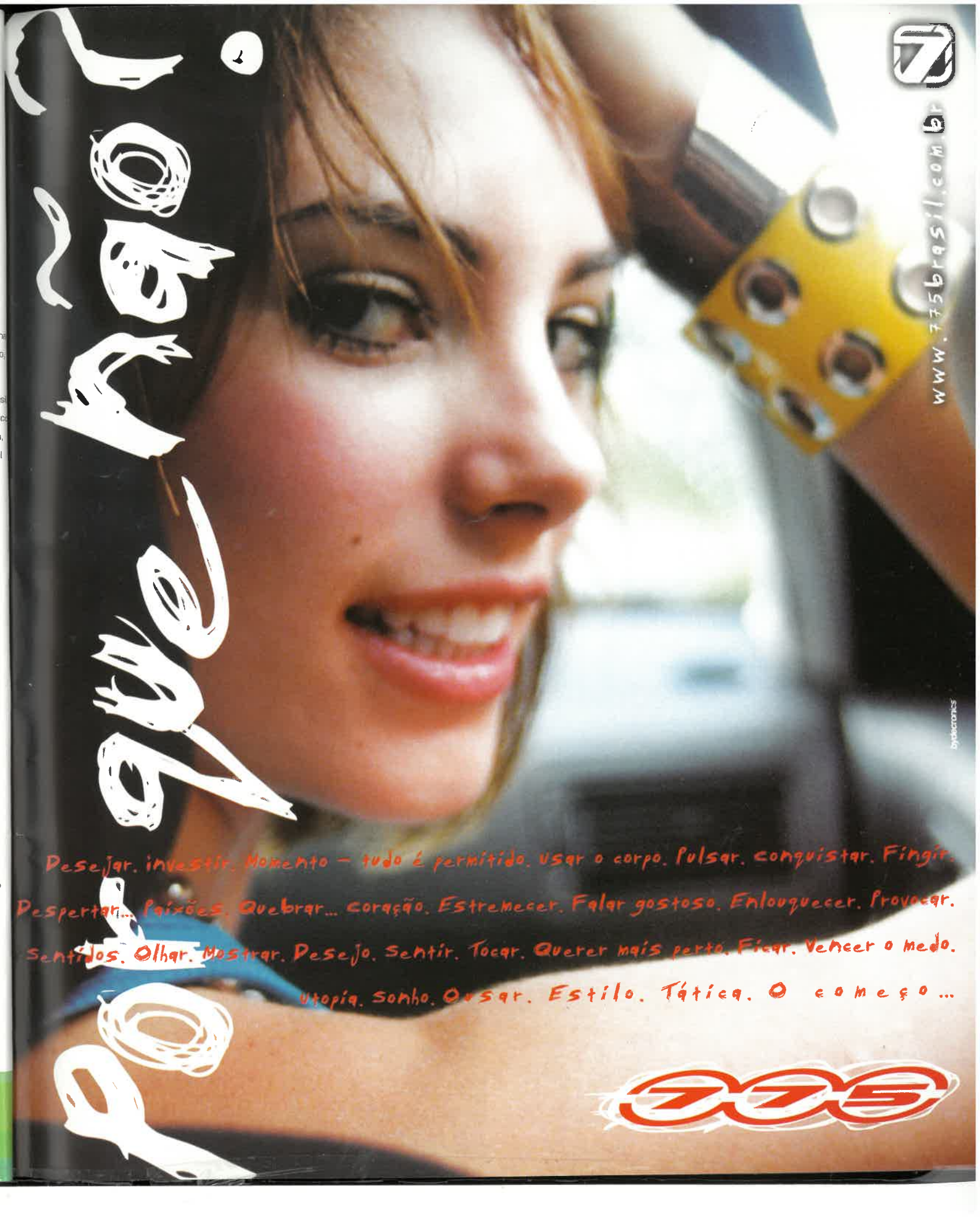
Correspondência:
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
Morumbi - São Paulo - SP
CEP: 05716-060
Telefone: (11) 3744-3711
e-mail: almasurf@almasurf.com.br
www.almasurf.com.br

Para assinar:
(11) 3744 1668
assinatura@almasurf.com.br

IVZ INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO



Capa: Ilustração Fernando C. Siniscalchi sobre fotos de Sean Davey e Yannick Le Toquin



Desejar. investir. Momento - tudo é permitido. Usar o corpo. Pulsar. conquistar. Fingir. Respertar... Paixões. Quebrar... coração. Estremecer. Falar gostoso. Enlouquecer. Provocar. Sentidos. Olhar. Mostrar. Desejo. Sentir. Tocar. Querer mais perto. Ficar. Vencer o medo. utopia. sonho. Ousar. Estilo. Tática. O e o m e s o ...





Foto: Lisandro de Almeida

Marés e correntes da costa brasileira

Por Marcio Vianna

Para aqueles que estão na praia, pegando onda, mergulhando, navegando ou pescando, as correntes, os ventos e a temperatura da água determinam o grau de prazer que eles sentem com o mundo da água salgada. Não vou falar aqui da beleza das ondas que vêm de longe para se inclinar e quebrar na água rasa, mas das marés e das correntes. Os que freqüentam a praia conhecem o efeito da lua, que causam o avanço e o retrocesso da água sobre a praia, as marés. Na costa do Brasil, prevalecem as marés semidiurnas, cujas alturas máximas ou mínimas se alternam a cada 12 horas e 25 minutos. Entre esses momentos de máximos ou mínimos, aparecem as correntes de enchente ou de vazante. A relação entre os horários das marés altas e baixas e as alturas da lua no céu é conhecida desde a Antiguidade. Porém, pouco se sabia a respeito das correntes de maré de enchente ou vazante: Aristóteles parece ter morrido afogado em 322 a.C. tentando observar uma corrente de maré em torno da ilha de seu exílio.

Séculos depois, Posidônio (50 a.C) citou os estudos detalhados que Seleuco da Babilônia fez sobre as variações de altura da água devidas às marés e suas relações com a Lua e os movimentos da Terra. O próprio Posidônio fez medidas precisas de alturas de marés em Cádiz durante um ano. Segundo os escritos de Estrabão (contemporâneo de Jesus Cristo), Posidônio até teria chamado a atenção para o fato de que as maiores marés que observou ocorreram durante o solstício, o que parece agora um engano, já que as marés semidiurnas são maiores no equinócio; a não ser que o ano em que Posidônio fez as medidas tenha sido, por coincidência, um ano de marés de perigeu (lua mais próxima), o que ocorre de 4,5 em 4,5 anos.

Com a Idade Média, ou "idade das trevas", mil anos se passaram antes de se pensar de novo sobre o fenômeno das marés. Mas em 1200, John de Halifax, conhecido como Sacrobosco e professor da Universidade de Paris,



Ilustração: Englezen - www.engagezen.com

Stanley

surfer: caxadagua - maresias

photo: munir el hage

stanley@stanley.com.br
www.stanley.com.br
(11) 6692 5944

não só escreveu um tratado sobre métodos de cálculo com o uso de algarismos, que era uma recente invenção dos árabes, como também um *Tratado sobre a esfera dos mundos*, versando sobre astronomia e marés, livro este publicado apenas em 1472, e usado no final da Idade Média.

Então, somente os grandes navegadores portugueses, nesse mesmo período (final do século XV), é que começaram a utilizar essas informações. Daí em diante, passaram-se a registrar as observações de marés e correntes em tabelas. Os portugueses desenvolveram nessa época um sistema (pouco conhecido) de pre-

visão de marés de acordo com as efemérides da lua, segundo Duarte Pacheco (em sua obra de 1505) e João de Castro (1538). Mas foi só Isaac Newton, em 1687, que formulou a mecânica e a teoria da gravitação, que entendeu pela primeira vez por que em geral se observam duas marés altas e baixas por dia, e não apenas uma alta e uma baixa.

As marés são quase como um relógio, por que são causadas pela dinâmica do sistema Terra-Lua-Sol. As forças mais fortes são devidas ao sistema Terra-Lua, que gira em torno do seu centro de massa (CM): não é a Lua que gira em torno da Terra, mas a Terra e a Lua é que giram em torno do CM. Como esse CM se localiza dentro da Terra, a parte do oceano mais próxima da Lua sente mais a atração da Lua, enquanto o lado oposto sente mais a força centrífuga devida à rotação em torno do CM. Em consequência, a camada fina do oceano fica equilibrada do lado mais próxima

da Lua, onde a atração é maior, e do lado oposto, onde a força centrífuga é maior. O resultado é que as águas tendem a escoar em direção a estas duas posições de equilíbrio, que estão em constante mudança, já que a Lua descreve uma órbita que cruza o equador a cada 25 horas, com inclinação de 28°, de sul para norte. Só que a Terra gira em torno de seu eixo, e existem os continentes barrando esse escoamento. O nível da água nas "banheiras" (bacias oceânicas) oscilam em períodos próprios, que dependem da sua geometria e da taxa de rotação do planeta. Essas oscilações são ondas quase estacionárias, de comprimentos de 1.000 a 2.000 quilômetros. Os forçamentos semidiurnos do sistema Terra-Lua, incorporando as variações orbitais da Lua e o efeito da atração do Sol, modulam essas ondas naturais, que formam as marés que observamos.



Foto Sean Davey



Foto Arquivo pessoal



SANTA MARIA



(11) 3735.2999 SmSantamaria@terra.com.br

Os efeitos solares e lunares se compõem para causar as "marés grandes", ou de sizígia, e as "marés mortas", ou de quadratura, cerca de 14 dias depois. A teoria básica de marés foi corretamente formulada pelo marquês Pierre Simon de Laplace, em 1775, mas só a partir de 1970 é que se tornou possível obter modelos realistas de maré global, baseados nas equações de marés de Laplace.

No caso do Atlântico tropical, as maiores amplitudes de maré são de 3 metros, e estão no Nordeste, o que propicia nas marés baixas de sizígia (foto) as paisagens espetaculares de praias com grandes faixas de areia. No Sul e no Sudeste, as amplitudes são de menos de 1,5 metros. As correntes de maré também são muito mais fortes no Nordeste.

Os registros das marés e dos níveis do mar em geral são feitos em portos, por instrumentos denominados marégrafos. Apesar de já existirem várias tecnologias de aquisição de dados, na maioria dos portos o equipamento usado é um modelo antigo, que utiliza uma bóia ligada a uma polia, que é ligada a uma pena que registra a evolução da maré em papel. A calibração dos vários rolos de papel é feita com a leitura de uma régua graduada, referenciada a um marco geodésico. O método depende da presença de técnico especializado para a manutenção responsável dos componentes desse sistema. No Brasil, com a extinção da Portobrás em 1990 por Fernando Collor, esse serviço perdeu a coordenação de nível nacional, e os portos em geral não cuidam adequadamente desses marégrafos. O método moderno de monitoramento do nível do mar usa marégrafos ligados a sistemas digitais de registro, inclusive sistemas automáticos de controle da referência geodésica, e alguns usam a transmissão desses registros em tempo real por satélite (foto), como foi o caso de alguns marégrafos mantidos por nós no INPE, na última década.

Quanto à medição de correntes em geral, pouco tem sido realizado rotineiramente no Brasil, porque medir correntes é sempre mais difícil do que medir alturas. O método antigo de se medir correntes usava ventoinhas, e a corrente era determinada pela taxa de rotação destas. Hoje, é mais moderno usar sistemas sem partes móveis. São sistemas que emitem pulsos ultra-som em um certo número de direções, e recebem os ecos desses pulsos gerados em várias profundidades, que são espalhados pelo plâncton e transportados em suspensão na água pelas correntes.

O uso desses sistemas de medidas em posições fixas é de grande importância para o monitoramento e o registro das variações em todas as escalas de tempo, de minutos a anos. Entretanto, para viabilizar o monitoramento simultâneo das correntes e do nível do mar em grandes áreas oceânicas, foram introduzidas, no final da década de 1970, técnicas baseadas em dados obtidos por altímetros operando na faixa de radar, colocados a bordo de satélites. Como as trajetórias dos satélites só se repetem sobre um mesmo ponto em intervalos de tempo de muitos dias, e portanto passados muitos ciclos de maré, tornou-se necessário criar modelos computacionais de marés de âmbito global, calibrados pelos dados observacionais de marégrafos e desses dados satelitários. A tecnologia, de grande sofisticação, tornou imprescindível a colaboração internacional, e seria impossível sem a Internet. Com a grande precisão das correções dos dados altimétricos, e a intercalibração dos dados de dois a três satélites similares em órbitas diferentes, tornou-se possível monitorar o nível do mar globalmente, mapeando-se a topografia da superfície do mar rotineiramente, e através de modelos matemáticos retirar informações como as variações diárias da circulação das águas em qualquer parte do mundo. Essas operações viabilizam, como nunca antes, o controle e a previsão de correntes aplicados à segurança e às operações da indústria do petróleo, das atividades pesqueiras e do ambiente marinho de superfície (figura das correntes na bacia de Campos, de Vitória até Paranaguá).



Foto Arquivo Pessoal

*O carioca Marcio Luiz Vianna é PhD em Física de Fluidos, doutorado obtido nos EUA (MIT). Mergulhador esportivo desde os anos 70, se apaixonou pelo mar e passou uma temporada como pescador profissional e mergulhador profissional no Nordeste. Em 1980 passou a se dedicar inteiramente a atividades marítimas, envolvendo-se em pesquisas de Oceanografia e trabalhando com o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) desde 1986, onde tem conduzido projetos inovadores, nacionais e internacionais, envolvendo clima, geologia marinha, ecologia pesqueira e oceanografia física.

Summer 2004



girls! Vidamarinha



www.vidamarinha.com.br
www.vidamarinha.com.br
www.vidamarinha.com.br
basicamente surf
basicamente surf
basicamente surf
for girls... for girls...
since 992 since 992

Visite o site e confira nossa nova coleção.

Um segredo científico atrás do surf

Por Mark Lund

No auge da minha adolescência, descobri os dois oceanos mais importantes do meu mundo. Um desses oceanos foi o surf. O outro oceano foi a busca de uma filosofia mais 'saber' do que 'crer'; mais científica do que dogmática; uma busca que acabou me levando a mergulhar nas ciências filosóficas do pensamento oriental. Durante meus últimos 35 anos, o meu tempo livre foi dividido mais ou menos assim: lazer diurno: surfar (no mar) e lazer noturno: surfar (nos textos). Por uma ou duas décadas, esses dois modos de surfar dentro e fora da água permaneceram, e me pareciam ser bem distintos, mesmo que complementares. Porém, pouco a pouco, comecei a perceber que muitos dos meus amigos, e vários dos ícones do surf, também compartilhavam dos mesmíssimos interesses. Quando foi lançado a revista *Alma Surf*, eu pensei: "Pronto. Eu definitivamente não sou o único surfista com esses dois oceanos dominando meu mundo". Presumo que, por estar lendo essa matéria, você também beba das mesmas águas que eu.

Alguns anos atrás, na medida em que senti que não estava sozinho, comecei a vasculhar o mundo literário do surf à procura de qualquer artigo ou informação escrita por surfistas, ou sobre surfistas, que conjugasse surf e uma filosofia mais científica. Lia artigos de gente como o Dick Brewer, Gerry Lopez e outros. Esses escreviam sobre o que alguns apelidaram de "zen-surfismo" e outros, de "taoísmo do surf", etc. Quase sempre, como é indicado pelos apelidos, a conexão misturava o surf com alguma tradição oriental, adaptada e enxertada no cenário surfístico.

Eu devorava tudo que chegava às minhas mãos com muito entusiasmo, e com o tempo, a primeira de três perguntas fundamentais começou a nortear as minhas leituras: "Será que na superfície minhas duas paixões pareciam ser dois mares à parte, mas no fundo era um só corpo aquático?" Depois de mais estudo, me ocorreu a segunda pergunta: "Será que existe um canal, ainda não descoberto, que interligue as águas do surf com as águas da sabedoria?" Na medida em que meus autores favoritos faziam de tudo para torcer e esticar uma tradição oriental para vestir uma atividade originalmente havaiana, alguma coisa no fundo da minha alma discordava desse contorcionismo transgênico. No fim das leituras, como depois de um café adoçado a sacarina, sempre ficava um gostinho amargo na boca da minha mente. Dai surgiu a minha terceira e mais difícil pergunta: "Será que não existe um canal mais natural, mais polinésio, menos "Far East", que una esses meus dois mares?"

Um pouco mais de dois séculos atrás, uma pergunta bem semelhante a essa atormentava os exploradores do mundo geográfico. Cansados da custosa e perigosa volta pelo cabo Horn (extremo sul do Chile), a comunidade marítima sonhava com um canal natural que interligasse o Pacífico com o Atlântico. Gastaram anos, fortunas e vidas humanas para chegar à conclusão definitiva de que, infelizmente, não existia. (Posteriormente, foi construído o Canal do Panamá). Em 1778, enquanto procurava a passagem, o capitão Cook, sem querer, tropeçou no arquipélago mais bem escondido do mundo: o Hawaii.

Hoje, eu me identifico bastante com Cook. Como ele, por anos tenho explorado os quatro cantos do mundo literário na busca de um canal natural que comprovasse que a paixão pelo surf e pela sabedoria são águas do mesmo oceano. Como no caso dele, a minha busca me levou

para o Hawaii. Fiz várias viagens ao arquipélago, não somente para surfar, mas também para procurar provas de uma correlação entre surf, sabedoria oriental e o Hawaii. Voltei dessas viagens com alguns livros animadores, como: *Os fundamentos do misticismo havaiano*, *Magia e espiritualidade havaiana*, *Vozes da sabedoria havaiana*, entre muitos outros, e até um dicionário clássico da língua havaiana que também foi muito esclarecedor.

No fim, acho que tive mais sorte do que o intrépido inglês, pois, em vez de perder a minha vida no arquipélago como ele perdeu a dele, foi lá que, de certa forma, achei a minha. Acredito ter encontrado fortes indícios que comprovariam o parentesco fundamental entre o surf e uma filosofia mais científica do que dogmática. Estou cada vez mais convicto de que esse canal natural existiu nos tempos primordiais, e provavelmente foi a ciência mãe que teve um dos seus filhos, o surf, raptado pelo Ocidente um século atrás. O registro de nascimento que comprovaria a relação maternal entre o surf e um know-how havaiano de vida foi destruído pela chegada dos missionários e pela invasão de valores ocidentais. Felizmente, os antigos havaianos transmitiram toda a sua sabedoria de geração a geração de modo oral. Aliás, no antigo Hawaii, nunca existiu uma língua escrita; fenômeno que levou os arrogantes ocidentais a concluir erroneamente que o pensamento havaiano era primitivo e insignificante. Esse know-how havaiano de vida era uma mistura de filosofia, psicologia e medicina tão avançada para os tempos, que os ha'oles logo deduziram que se tratava de uma magia negra. Em alguns casos, até se praticava algo bem semelhante à magia negra, mas esses eram muito mais a exceção do que a regra.

A ciência havaiana de vida foi muito bem ocultada por xamãs conhecidos como kahunas (cujo nome significa "guardiões dos segredos"), que tiveram que esconder o seu conhecimento por medo de serem perseguidos e até mortos pela prática daquilo que os missionários condenavam como sendo bruxaria. Essa tradição ficou underground por dois séculos. Hoje, já estão pipocando várias escolas de misticismo havaiano, mas a sua prática mais autêntica continua até hoje fora do acesso dos ha'oles. O "segredo" ficou tão bem escondido, que o segmento crescente de surfistas que tanto se interessa por atividades tipo ioga, zen ou artes marciais nem desconfia da existência de uma tradição tão rica quanto essa no passado genético do próprio esporte. Mais prático, e mais próximo, para quem já pratica o surf.

Talvez um dos primeiros ha'oles de que se tem notícia que chegou mais perto de desvendar o mistério, e que divulgou a existência de uma ciência formatada que regulava todos os aspectos da vida havaiana (inclusive o surf), tenha sido um professor recém-formado, importado do continente, chamado Max Freedom Long que chegou ao Hawaii em 1917, para alfabetizar os alunos do estado recém-anexado na língua dos novos governantes: o inglês. Na sua bagagem trazia um diploma em psicologia, conhecimentos de etimologia, e um interesse por tudo que era esotérico. Logo após chegar às ilhas, Max ficou impressionado com histórias de kahunas que possuíam uma energia capaz de realizar curas instantâneas, curas a distancia, alterar o clima, e que os protegia quando andavam por cima da lava vulcânica ainda em brasa.

Ele foi ao Bishop Museum e procurou o diretor para saber se tudo aquilo realmente era verdade. Depois de se certificar de que o interesse do Long era sincero e bem intencionado, o diretor, Brigham, contou tudo que sabia a esse respeito. Infelizmente, mesmo depois de 40 anos



island Girls Boardshorts

Rietveld

www.RietveldUSA.com
1-333-4570

pesquisando, o que o Brigham sabia não era lá grande coisa, pois os kahunas em nada facilitavam a sua pesquisa. Os dois juntaram as forças e tentaram desvendar o mistério, mas a morte de Brigham quatro anos mais tarde acabou com a sociedade. Long, sem o prestígio de Brigham, nada mais conseguiu descobrir, e alguns anos mais tarde voltou à Califórnia inconformado com o seu fracasso.

Nove anos depois, Long acordou no meio da noite com uma resposta. Aparentemente, o seu inconsciente tinha continuado a estudar o problema, mesmo depois que ele havia desistido. A sua formação em psicologia juntou-se aos seus conhecimentos etimológicos, e essa dupla dinâmica entregou a Long uma chave para abrir uma das portas dos kahunas. Um flash de insight fê-lo concluir que, se ele analisasse a construção das palavras havaianas relacionadas a "alma", teria seu primeiro acesso aos mistérios que lhe escapavam há tanto tempo.

Long sabia muito bem que os missionários achavam os havaianos pagãos ignorantes, pois falavam da existência de três almas. Esse preconceito ocorreu por dois motivos. Primeiro, a língua havaiana é muito mais difícil de traduzir do que se imagina, pois tem múltiplos significados para cada palavra. Não se trata de apenas uma outra língua, e sim de um outro raciocínio lingüístico, completamente diferente do nosso. Portanto, os missionários traduziram mal as palavras ao atribuir a elas o significado que damos a "alma". Segundo, quando os missionários chegaram e fizeram as primeiras traduções, nem Freud nem Jung haviam nascido... muito menos a psicanálise!

Analisando as raízes das três palavras antes erroneamente traduzidas como sendo "alma", Long fez uma descoberta fantástica. Percebeu que os havaianos não estavam falando de três almas coisa nenhuma. Ao ponderar a construção etimológica das três palavras, "unihipili", "uhane" e "aumakua", Long ficou maravilhado quando caiu a sua ficha de que se tratava de termos psicológicos (na época, recém-descobertos). A tradução mais correta teria sido:

unihipili = o subconsciente

uhane = o consciente

aumakua = o superconsciente

Em outras palavras, segundo Long, séculos antes de o Ocidente começar a entender que existe essa trindade psicológica, os havaianos não somente já sabiam de sua existência, como entendiam com precisão como esses três "eus" interagiam. Aliás, se o Long estiver correto, os kahunas construíram o *modus vivendi* de uma sociedade inteira em cima do funcionamento correto entre esses três "eus".

Em outras palavras, a sabedoria que gerou o espírito de aloha e a felicidade do povo havaiano foi o resultado de um profundo conhecimento do mecanismo psicológico que move cada ser humano. Se souber orquestrar a interação dos três "eus", o indivíduo é feliz e saudável. Se não souber, será infeliz, e junto com a sua infelicidade virá a discórdia entre ele e os outros, e até uma série de doenças de origem psicossomática. Aparentemente, a psicologia dos kahunas era tão eficiente, que realmente podiam efetuar curas instantâneas, e, assim sendo, a sua ciência era uma "superpsicologia" tão eficaz que teríamos que considerá-la mais como uma prática direta de medicina do que como uma terapia, morosa como é a psicologia praticada hoje em dia.

Superanimado, Long continuou suas análises, e descobriu outra palavra-chave. A moeda corrente que circulava entre os três "eus", como a eletricidade circula por uma casa, era o que os havaianos chamam de "mana". A "mana" havaiana equivale ao "prana" da Índia, ao "chi" da China (t'ai chi) e ao "ki" do Japão (rei-ki, ai-ki-do, etc.). Mana é a "alma do ar" que oxigena a alma do corpo. Captar o ar no ato de respirar e fazer circular a maior quantidade possível de mana (técnica respiratória que os hindus chamam de pranaiama) não era uma exclusividade da Índia. Os

havaianos tinham as suas técnicas de "manaiamas" também! Mana era o segredo da saúde e da harmonia entre as três partes de cada indivíduo. (Se Long estivesse vivo hoje, diagnosticaria o mal da nossa sociedade moderna como sendo uma espécie de epidemia globalizada de SARS espiritual!). O havaiano, pode-se dizer, era tão a fim de ganhar mana quanto a gente de ganhar grana! O acúmulo de mana era a razão de ser de cada um. Quem mais juntava, mais respeitado pela sociedade era. E mais, o estoque de mana seria fundamental na hora da morte, pois esse seria o sustento da alma uma vez desencarnada. A busca do mana era a bússola que norteava cada atividade do cotidiano; especialmente o surf. Surfar bem indicava que o surfista era uma pessoa rica nessa moeda havaiana. Só que, no entender havaiano daquela época, surfar bem exigia muito mais do que manobras radicais.

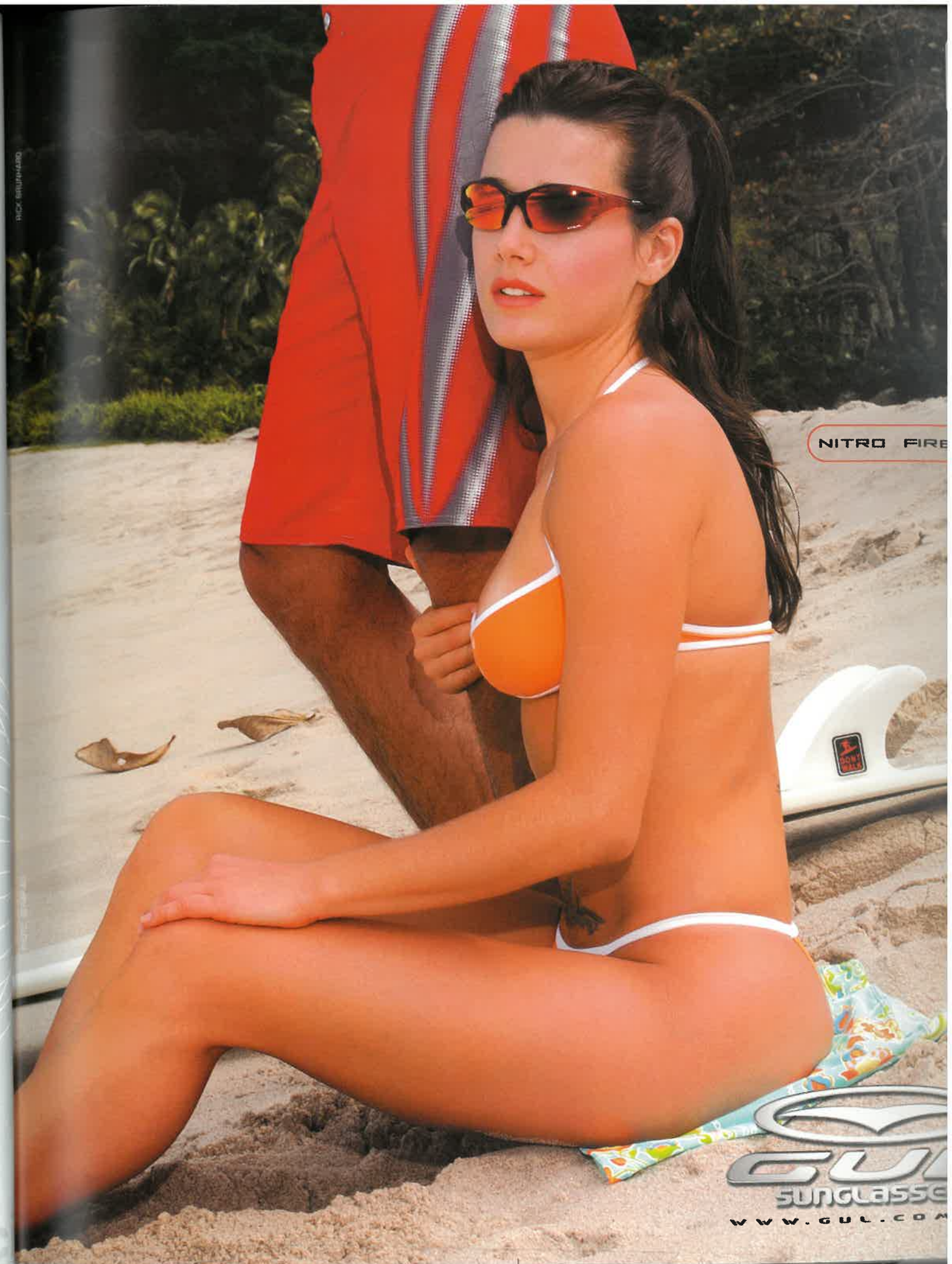
O surf, na sua concepção original havaiana, deve ter sido uma metáfora de um equilíbrio interno aplicada no plano físico. Ficou claro para mim que, além de ser um veículo próprio para garimpar e expressar mana, para os havaianos antigos, surfar foi um sinônimo de balancear a interação entre o "eu básico" (unihipili ou subconsciente) com o "eu médio" (uhane ou consciente) e o "eu superior" (aumakua ou superconsciente). Portanto, o surf é potencialmente muito mais completo do que se imaginava. Costumo dizer que o surf não é apenas um esporte de reis, como diz o slogan, mas, com o pedigree nobre que estamos descobrindo que o surf possui, ele poderá ser o rei dos esportes. Que outro esporte nasceu de uma visão tão ampla, tão profunda quanto a visão havaiana de vida? Que outro esporte visa trazer o sagrado para o plano cotidiano?

Long batizou essa ciência psico-espiritual que permeava o surf antigo de "huna". Em havaiano (tentando respeitar as dificuldades de tradução), huna significa: "segredo", "oculto" ou "invisível". Huna era um segredo dos segredos da vida. Porém, no caso de Long, temos que ressaltar que se trata de um segredo visto por alguém do lado de fora. Huna não é a palavra final sobre a ciência havaiana de vida. Mas, até o momento, me parece ser a única palavra que temos. E mais: é a única prova mais concreta que temos de que o surf traz no seu próprio DNA uma ciência de vida tão magnífica quanto as demais do Oriente. A huna não é melhor do que as outras tradições, mas tem mais a ver com a paixão da nossa vida. Praticar huna significa praticar o surf. Exaltar huna significa exaltar o surf. Ela (a ciência havaiana de vida), como o surf, merece mais atenção, mais respeito, mais estudo.

Só há pouco tempo fiquei sabendo da existência de uma Associação Brasileira de Huna (www.geocities.com/kahunasdapaz), que estuda e se beneficia dessa versão da ciência havaiana de vida. Achei incrível que nenhum deles surfe! Ao mesmo tempo, tem 1 milhão de surfistas brasileiros praticando o esporte havaiano. Que piada do destino é essa de que, como eu, ninguém que surfe saiba (soubesse) da existência de uma ciência havaiana de vida! Que paradoxo mais irônico!

Cabe a cada um que sinta alguma afinidade com o Hawaii correr atrás de maiores informações a respeito dessa ciência. Os segredos mais profundos da sua sabedoria não serão encontrados em nenhuma das prateleiras das seções de auto-ajuda das livrarias. Mas deveriam estar lá. Cabe a nós documentar essa verdade com pesquisa, e expressá-la com um comportamento à altura. Se você é um dos surfistas que tem essa vocação, torne-se um cientista da vida. Aproveite o trampolim para a cultura havaiana que é a sua prática do surf e acumule a mana necessária para dar um pulo quântico, levando junto o conceito de surf e de Hawaii.

Para concluir, cito as palavras que ornaram a capa do livro da Charlotte Berney, *Fundamentos do misticismo havaiano*. São de um Ph.D. chamado Stanley Krippner: "Num mundo tão desaprumado, necessitamos urgentemente da prática havaiana de equilíbrio". E o que é o surf senão um descendente direto da ciência que promovia a prática havaiana de equilíbrio? Final feliz: unidos foram os dois oceanos.





maresia lab



PIZZOPI

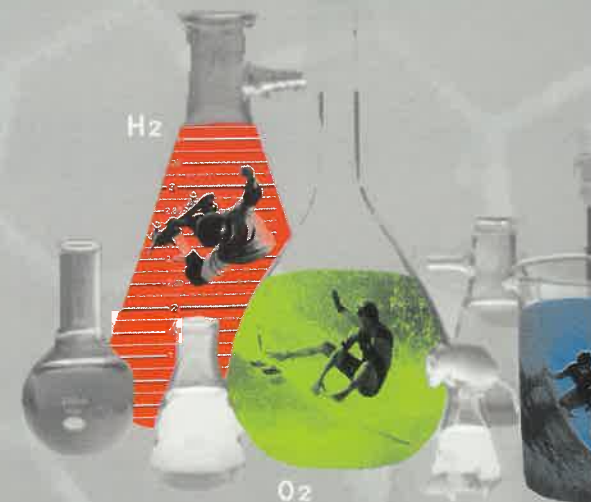
>>> novo site

>> www.maresia.com.br >>

◆◆◆ Raphael Becker
surfista profissional

◆◆◆ Cristiano Spino
surfista profissional

◆◆◆ Lécio Batista
skatista profissional



PETERSON ROSA

O MATADOR

Por Zé Augusto de Aguiar

Apelidado de "Bronco" e "Animal" ao longo de sua carreira notável, Peterson Rosa é muito mais um predador, que precisa alimentar seu corpo e sua alma de ondas dilaceradas sem dó. Suas pauladas insanas e sem medo (em qualquer condição de mar), seu domínio do circuito brasileiro pro como nenhum outro na história, suas performances marcantes no WCT (a elite mundial) e uma carreira bem construída sempre falaram mais alto que sua fama de temperamental.



Não conhece seus limites. O estilo nunca lhe trouxe problemas. Se não podia surfar bonito, então venceria pela raça. Venceu. Um dos cinco surfistas brasileiros mais importantes da década passada. Se passasse mais tempo no Hawaii poderia se tornar o melhor brasileiro nas ilhas em todos tempos. Confiável como poucos na ASP: falou, tá falado. Não mede palavras. Sofreu nas mãos de empresários que quase lhe roubaram tudo. Não tivesse uma força de vontade fora do comum, desistiria diante de tanta pilantragem. Nos últimos cinco anos, é indubitavelmente o melhor do time (brasileiro) no WCT. Não abaixa a cabeça pra ninguém. O Almir (do Santos, Flamengo, entre outros...) do surf." (Palavras de Júlio Adler, ex-surfista profissional e hoje colunista do site Waves e jornal Nuts.)

"Bronco" (apelido dado por Renan Rocha, na Califórnia, anos atrás, depois de ver um carro irado com esse nome) e "Animal" (palavra usada pelo casca-grossa Sunny Garcia para definir o brasuca, após uma tomada session num Hossegor, França, storm e pesadíssimo) foram os apelidos que mais pegaram na pele de Peterson, esse explosivo paulista radicado no Paraná desde pequenino. Bronco quer dizer também alguém estourado e teimoso, ou que está sempre chocando por alguma atitude. Peterson fez jus a essa alcunha no passado. Vivía quebrando pranchas ao perder baterias e ainda discutia muito com os juizes. E aparecia em cada campeonato com um visual diferente no cabelo: cabeludado com barba, careca, moicano, louro, etc. Mas ele nunca foi o bronco que significa falta de inteligência, como aquele personagem do surfista burro que era a festa de audiência de uma rádio rock paulistana.

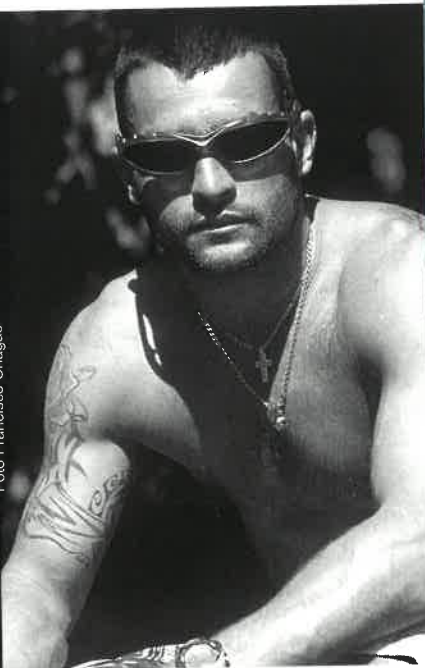
Burro Peterson nunca foi. Pode ter sido é ingênuo, pelo tombo que tomou de empresários no passado. Ele confirma esse problema, mas não quer mais mexer no assunto. Prefere ser lembrado como um dos primeiros profissionais da sua geração a criar a própria marca, a Brothers Rosa. Ou por ser um dos raros tops brasucas do WCT a ter um escritório próprio que cuida da sua carreira e do futuro de quatro jovens surfistas em que aposta, em Floripa e em sua amada praia local paranaense, Matinhos. Certo, o próprio Peterson admitiu alguns erros estratégicos em sua carreira, como não ter ido morar no exterior, sobretudo para ganhar o domínio do inglês. Morar fora ("dei mole, devia ter ido pra Califórnia ou Austrália") ajudaria também a aprimorar seu surf, a esculpir com mais beleza e linha suas manobras.

Mas o que seria de Peterson com uma assinatura mais polida nas ondas? Continuaría com seu surf porrada e power total? Difícil imaginá-lo controlando sua ira surfística para preparar melhor as manobras e desenhar mais a onda antes de desferir patadas sem dó. "Não curto muito o estilo dele, mas não imagino algo mais refinado para o Peterson, pois um Bronco combina com estilo bronco, e aí é que está sua graça. O cara é assim", afirma o herói do próprio Peterson, o paraibano Fábio Gouveia. O que falta talvez ao Animal é aproveitar melhor sua capacidade em ondas

Se não podia surfar bonito, então venceria pela raça.

grandes. Poderia ter ido mais longe, se tivesse, como alertou Júlio Adler, mais experiência no Hawaii. "Admiro muito a raça dele, porque sempre vai ao extremo nas paradas que faz. Pense num animalzinho determinado! De atirado a arrebentador de marolas, pra ele não tem parada perdida, e foi assim desde sempre: quando ele tinha uns 10 anos, juntamente com o Neco (Padaratz), os bichos já eram assim. Uma vez o vi dando um snap embaixo de um lip muito cabuloso", lembra Gouveia.

Foto Francisco Chagas



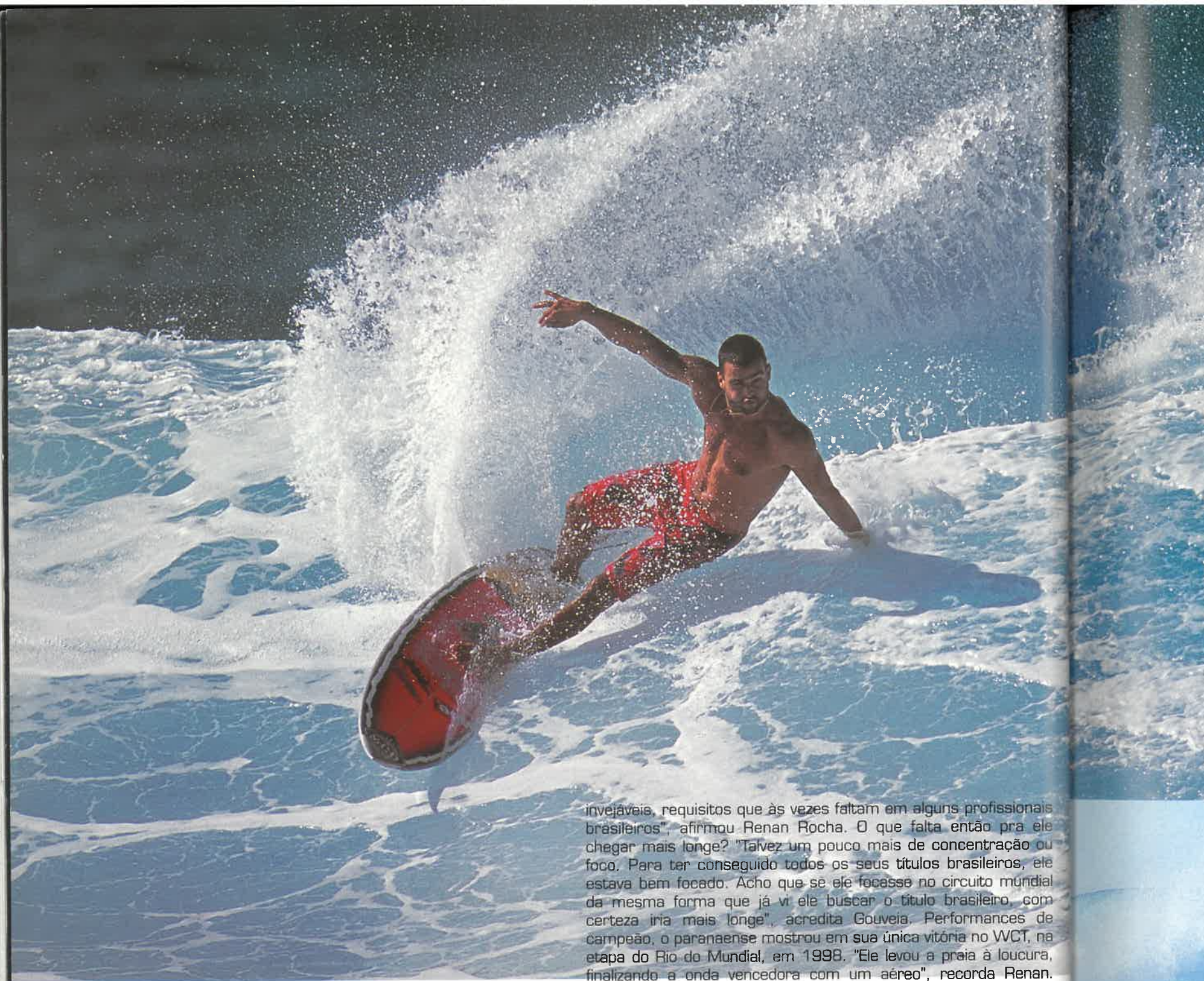
Pipeline 2002 por Fr

Quebrando recordes

A discussão sobre a beleza do surf de Peterson perde um pouco de importância ao observarmos o quanto foi bem sucedido. Ele foi o mais jovem brasileiro a se profissionalizar (16 anos, em 1990, antes do superpromissor Adriano Mineirinho, que virou pro o ano passado, com 15), o mais jovem a ser campeão nacional pro (1994), o primeiro tricampeão brasileiro pro (94/99/2000). E apenas o cabo-friense Victor Ribas (3º em 1999) e o mito Fábio Gouveia (5º em 1992) chegaram mais longe que ele na elite do surf mundial, o WCT. Peterson foi o 7º do mundo em 2001. Voltando ao papo da cabeça meio pirada dos tempos de moleque, ele garante que está mais amadurecido em seus 29 anos. Pelo menos sua forma, sempre no rip mais intenso, continua no maior gás. "Peterson tem um vigor físico e uma garra

Foto Francisco Chagas





Nesta página, Peterson no Hawaii, inverno de 2001. Foto Francisco Chagas. Na página seguinte, um aéreo no Cepilho registrado pelo fotógrafo Levy Paiva, e Sean Davey clica um dos momentos pródigos do passado de Peterson.

invejáveis, requisitos que às vezes faltam em alguns profissionais brasileiros", afirmou Renan Rocha. O que falta então pra ele chegar mais longe? "Talvez um pouco mais de concentração ou foco. Para ter conseguido todos os seus títulos brasileiros, ele estava bem focado. Acho que se ele focasse no circuito mundial da mesma forma que já vi ele buscar o título brasileiro, com certeza iria mais longe", acredita Gouveia. Performances de campeão, o paranaense mostrou em sua única vitória no WCT, na etapa do Rio do Mundial, em 1998. "Ele levou a praia à loucura, finalizando a onda vencedora com um aéreo", recorda Renan. "Lembro também que foi o primeiro brasileiro a vencer, arrebatando, em Durban, África do Sul, numa etapa de WQS. Mas tudo fica pequeno perto das suas performances no freesurf em Fiji, Sunset, Teahupoo e Matinhos, ondas onde ele vira um monstro", finaliza Renan.

O que falta então para vencer o WCT? (Quem fala agora, em entrevista, é o próprio Peterson Rosa):

Falta resultado. Eu treino muito, mas na hora ocorre algum vacilo, ou aquela errada do juiz, como rola direto com o Neco, que não deveria ter pedido esse ano em J-Bay (África do Sul), deram uma nota que não existia. Não é que eu queira me esconder atrás de julgamentos, mas erram mais com a gente que com os outros.

Como é sua rotina de treinamentos?

Treino na água de 4 a 6 horas por dia em Matinhos (praia de belas e longas direitas, pertinho da Curitiba, onde vive) e faço também Pilatos na academia. Não puxo ferro, são vários exercícios, e também nado ou pedalo todo dia.

Qual sua grande inspiração?

O Fábio Gouveia, pelos títulos, pela força de vontade de viajar com a família. É nosso herói e estrela. Admiro também o Neco pelo surf power, é um cara que tem tudo para trazer o título mundial para o Brasil se conseguir se concentrar mais e sair da confusão da sua cabeça.

Quem você pára para assistir no WCT hoje?

Joel Parkinson, Mick Fanning, o Slater tá quebrando, Andy Irons. Todos os top 44 surfam bem. Entre os brasileiros, o Herdy (Guilherme) e o Victor Ribas estão bem. O Paulo Moura tem crescido muito.

Peterson se orgulha de ter virado pro tão cedo. Motivos?

É difícil se profissionalizar tão jovem, porque a ajuda de custo hoje é uma vergonha. Os caras seguram os salários lá embaixo para os pros que estão começando.

Por que criou sua marca e escritório (Brothers Rosa)?

Quero retribuir ao surf, quero fazer outros valores. Porque se não for eu, quero ver alguém trazer o título do WCT de qualquer jeito. Montei o escritório para me manter no meio e para revelar novos talentos. Nós direcionamos essa molecada. Faço o que talvez tenha faltado pra mim, pro Neco, pro Renan...

(Só que, diferentemente de muita surfwear sanguessuga, a Brothers Rosa apenas orienta e encaminha (bem) a carreira dos jovens talentos que apóia. Os moleques apoiados são Guilherme Tranquilli (14 anos, Floripa) e os guris de Matinhos, Rami Andrade, 13, Tiago Carvalho e o "Petersinho", Peterson Crisanto, 11 anos. Os três últimos foram revelados na escolinha de surf que todo o ano a Brothers Rosa promove no pico. Afilhado do Animal, Petersinho é o mais promissor, segundo Júnior Rosa, irmão de Peterson, e homem que toca o escritório dos irmãos.)





Bachdoor, 2002 por Francisco Chagas



Você já teve muitos problemas de discussão com juízes. Como anda a cabeça do Peterson hoje?

Continuo o mesmo, um pouco mais controlado. Às vezes a gente explode, mas sei que tenho que reclamar (dos julgamentos) duma forma melhor. Dei uma parada também porque as multas são altas. (Multa como deve ter tomado no final de 2002, quando "baixou o santo" no WQS de Floripa. Eliminado do campeonato, saiu cuspidando fogo da água, e urrando, feito bicho mesmo, fazia uns sons guturais e incompreensíveis. Gritava feito louco, correu em direção ao palanque, teve que ser segurado por vários amigos para não subir para tirar satisfação com os juízes. Fora das ondas, Peterson segue namorando a mesma menina há quatro anos, a Paula, também de Curitiba. E já tem um filho, Kauhan, fruto de um relacionamento antigo.)

Como anda o namoro?

Tô namorando, noivando e quase casando (falou e deu risada).

O que mais aprendeu com o surf?

Humildade, ter raça e objetivos na cabeça.

Peterson parece mais focado, como pede Fabinho Gouveia. Esse foco, quando ele disputa qualquer bateria, significa o mesmo instinto e atitude animal de sempre nas ondas. Antes de tudo, o animal é um competidor duríssimo de ser batido. Tipo de nome que, quando anunciado em uma bateria, faz o adversário suar, porque sabe que terá pela frente uma luta pesada, onda a onda, com um animal imprevisível. Porque ninguém pode vacilar com um matador nato. Com um cara que parece surfar os campeonatos como se estivesse quebrando nas festas embalado por seu adorado som psychedelic trance, doideira pura. Para tristeza de seus críticos, a grande caçada de Peterson Rosa não terminou. O mundo ainda pode ser seu.



Nosso estilo é do seu jeito.



Nova Linha Prescription XR,
feita pra você.

alphaline
Central de Vendas
0800-7041990



XR
PRESCRIPTION

WWW.XTREMERADICAL.COM.BR

Summer 2004



Surf | Tow in | **Kite** | Wind | Snow | Wake

Zero STORE

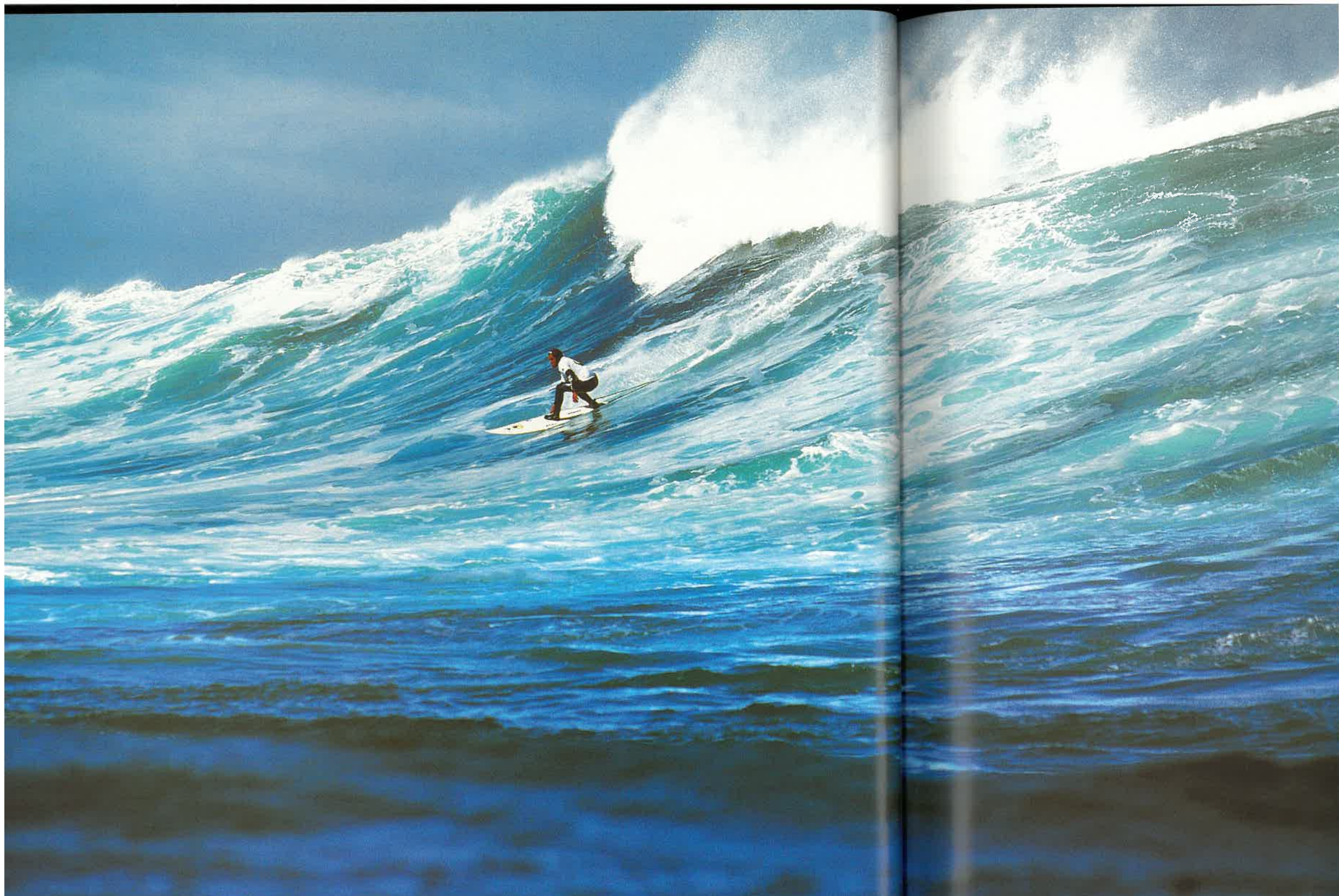
Loja 1 | Rua Camargo Cabral, 20 | Cidade Jardim | SP | 55 11 3704-7600
Loja 2 | Rua da Padroeira, 37 | Ilha Bela | SP | 55 12 3896-6743



Nova Zelândia
cercada de surf por todos os lados

Por Paul Kennedy
Tradução Viviane Palladino

Considerada o paraíso dos esportes radicais, a Nova Zelândia é também recheada de muito surf. Mesmo com um povo nativo de índole forte e um temido time de rugby, a terra dos kiwis é um país interessante para conhecer. Um lugar para maluco nenhum botar defeito!



Rarotoka por Paul Kennedy

Nova Zelândia



Para a prática do surf a Nova Zelândia é um país de sorte. As grandes ondulações oceânicas viajam lentamente do sul para o norte, provocando muitas ondas em toda a costa. Existem duas ilhas, a do Norte e a do Sul. Na ilha do Sul, o swell bate mais forte, trazendo ondas grandes e violentas, e um frio absurdo. Já as ondulações da ilha do Norte são um pouco menores, mais acertadas, e a água, menos fria. Quando está sol, o mar fica com vários tons de verde e cheio de vida marinha. Existem muitos animais em todo o oceano ao redor do país, até mesmo bastantes tubarões, os enormes e "monstruosos" tubarões-brancos! Mas, felizmente, um mar cheio de vida significa ataques quase nulos ao homem.

Os indígenas maoris nomearam a ilha de Aotearoa, que significa "Terra da Grande Nuvem Branca". Eles chegaram à Nova Zelândia pela primeira vez há séculos atrás, vindos das ilhas tropicais do Pacífico. Para eles, o clima deveria estar congelante, e é fácil perceber como eles chegaram a esse nome. Às vezes, quando se voa por cima do país, tudo que você vê é uma grande barreira de nuvem. Mas a Nova Zelândia nem sempre é sombria; os dias de verão são longos e quentes. Há cerca de 20 anos, temos um enorme buraco na camada de ozônio acima das ilhas, o que significa que 15 minutos de exposição ao sol no verão são suficientes para queimar. Agradecemos às indústrias do mundo todo por isso.

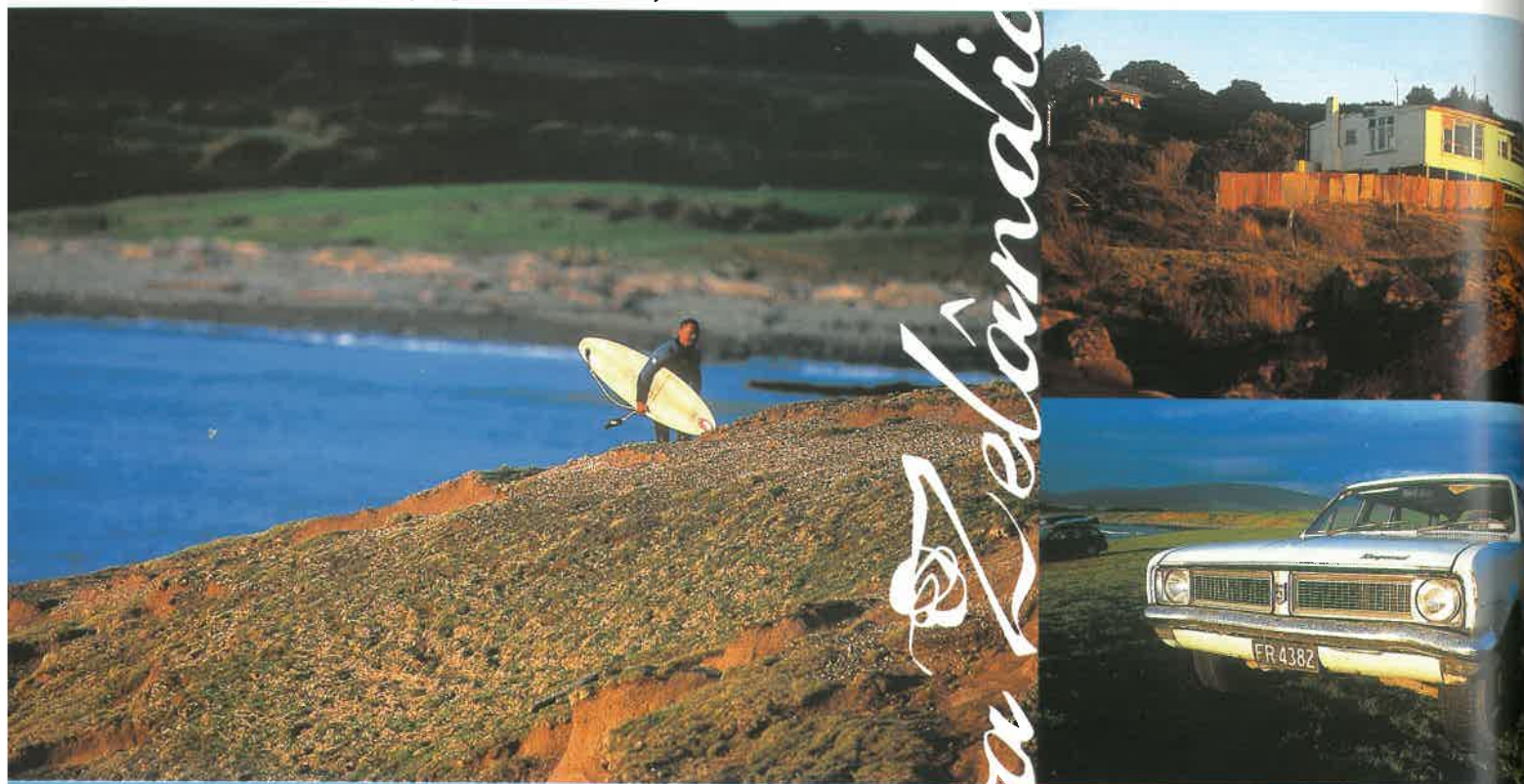
Esquerdas e direitas de pointbreaks, reefbreaks, beachbreaks, desembocadura de rios e lagos, e as grandes ondas oceânicas; existem todos os tipos de ondas na Nova Zelândia. Os principais litorais são os de leste e oeste, mas aqueles voltados para o sul e o norte também têm ondas, em ambas as ilhas. Se você tiver um carro veloz, dinheiro para gasolina e não ligar para o tempo ruim, poderá surfar todos os dias simplesmente dirigindo de uma costa a outra.

Antigamente, alguns empresários kiwis (neozelandeses) viajavam até o Japão para comprar carros usados e depois revendê-los aqui. Por isso temos hoje os automóveis de segunda mão mais baratos do mundo. Recentemente, comprei um Mazda 626 de 1987 por US\$ 300. Andava pra caramba. Em um mês, fiz 4.000 quilômetros indo de um lado para o outro, entre Raglan, na costa oeste, e Gisborne, no leste.

Mas mesmo tendo 20 anos de surf na Nova Zelândia, ainda conheço muito pouco as ondas daqui. São tantas! Percebi isso depois de conhecer um suíço chamado Oliver. Ele começou a surfar há sete anos, e desde então tem viajado sem parar, surfando todos os dias. Ele passou um tempo na Nova Zelândia e começou a me falar de picos que eu nem sabia que existiam. Bizarro, alguém da Suíça ter que me contar sobre as ondas escondidas no meu próprio país!

Muitos kiwis permanecem na sua região porque existem ondas boas em todo lugar, e todos acham que a sua onda é a melhor. Oliver me contou sobre alguns points na costa oeste que parecem os da Indonésia. Alguns só podem ser

esta página, sentido horário, um maori no final de um dia de surf em Porridge, Ilha do Sul. Casa de praia em Raglan. ma caranga velha em Porridge. Surf em Manu Bay (Raglan). Fotos Paul Kennedy



Nova Zelândia



Nesta página, Hendersons, no lado leste da Ilha Norte. Foto Sean Davey
 Abaixo, um swell incomum lava as cidades da costa sul em Wellington, Island Bay. Foto Paul Kennedy
 A direita, um típico Maori

alcançados de barco porque a terra é dos maoris, e não é permitido entrar lá. Mesmo assim, navegar até lá é arriscado porque a onda tem um pé para cada metro de swell. Assim, para surfar as ondas em seu optimum de 4 ou 5 pés, é preciso navegar por 4 ou 5 metros de ondulação. Uma vez conquistado o mar turbulento, começam outros problemas. Os maoris são conhecidos por atirar em desconhecidos. Eles não querem que o seu pedaço de paraíso comece a ficar infestado de surfistas, e estão preparados para assegurar isso usando armas ou o que for preciso. Se você realmente tiver que surfar por lá, é melhor procurar conhecê-los primeiro. Costumo surfar mais na costa sudeste da ilha do Norte. Essa região, chamada Wairarapa, possui uma paisagem bem irregular, com montanhas íngremes cobertas por vegetação e caminhos que levam a fazendas de criação de gado e ovelhas. O único acesso às ondas é por meio das sinuosas estradas de cascalho. Ali moram apenas pescadores e fazendeiros. Portanto, se você quiser ficar para surfar, terá que acampar. As ondas podem ficar épicas, e quase não há crowd, principalmente nos finais de semana de inverno. As ondulações vêm do sudoeste para nordeste e batem na costa produzindo vários tipos de ondas, além dos beachbreaks. Há vales profundos no alto-mar, provocando ondas de reefbreak e pointbreak bem fortes e cavadas. Se estiver sem vento - essa é uma das regiões em que mais venta na NZ -, é possível sur-





As grandes explorações de ondas na Nova Zelândia acontecem nas maiores tempestades, quando os swells do extremo sul do país, que costumam ter 5 metros, podem chegar a 7 ou 8 metros.

A Nova Zelândia é um lugar "fácil" para morar... O custo de vida é alto e devido à "pequena" população, de apenas 4 milhões de pessoas, as oportunidades muitas vezes são escassas. Muitos jovens deixam o país não só para conhecer o mundo, mas também para viver em lugares de clima mais quente e de economias maiores.

Os europeus só vieram a se estabelecer na Nova Zelândia há cerca de 150 anos. Depois de várias guerras com os maoris que viviam nessas terras, em 1840 foi assinado um acordo entre os nativos e os europeus, o Tratado de Waitangi. O único problema é que o documento estava escrito em inglês, e os maoris tiveram que confiar num intérprete para entender o que estavam assinando. As interpretações foram um pouco distorcidas, e até hoje há devolução de dinheiro e terras para os maoris por causa das besteiras cometidas num passado distante.

Mesmo assim, a NZ é um país razoavelmente livre, corrupto e harmônico. Possui uma sociedade multicultural, que conta não apenas com os maoris, mas também com polinésios vindos de ilhas como Tonga e Samoa. Aliás, Auckland tem mais samoanos do que Aipa, a capital de Samoa. Há ainda chineses, indianos, fijianos, italianos, gregos, uma recente imigração de sul-africanos, e a maior parte da população, os pakehas (palavra maori que designa os brancos nascidos na Nova Zelândia).

A nossa cultura é jovem, e está em desenvolvimento. Antes, era apenas cerveja, rúgbi e corridas de cavalo.

Hoje, ela transformou-se em cerveja, rúgbi e esportes radicais. O rúgbi, para os kiwis, é tão importante quanto o futebol para os brasileiros. E, como no Brasil, o nosso time também é o melhor do mundo. A seleção nacional é conhecida como "All Blacks". Eles entram em campo vestidos de preto e, antes de cada partida, realizam uma dança conhecida como haka, desafiando o time adversário. Mesmo não ganhando todos os jogos, nos últimos anos, provaram ser um dos times mais bem-sucedidos no mundo. Quando perdem, os neozelandeses levam isso a sério demais e se esquecem de que se trata apenas de um jogo.

Hoje, os kiwis praticam mais esportes radicais do que rúgbi. Principalmente na ilha do Sul, que possui diversos lugares para a prática de esqui e suas variações (heliski, snowboard, etc.). O país todo é basicamente um enorme parque de diversões ao ar livre.



Na página anterior, Daniel Kereopa em Manu Bay (Raglan). Nesta página (foto grande), Wairarapa. Acima o visual de Raglan quebrando. Abaixo, o temido time the rugby da Nova Zelândia, "All Blacks", dançando o "Haka".



far num dia com sol, mar liso e ondas perfeitas, mas se você for surpreendido pelos ventos de tempestade, irá voltar correndo para o lugar de onde veio.

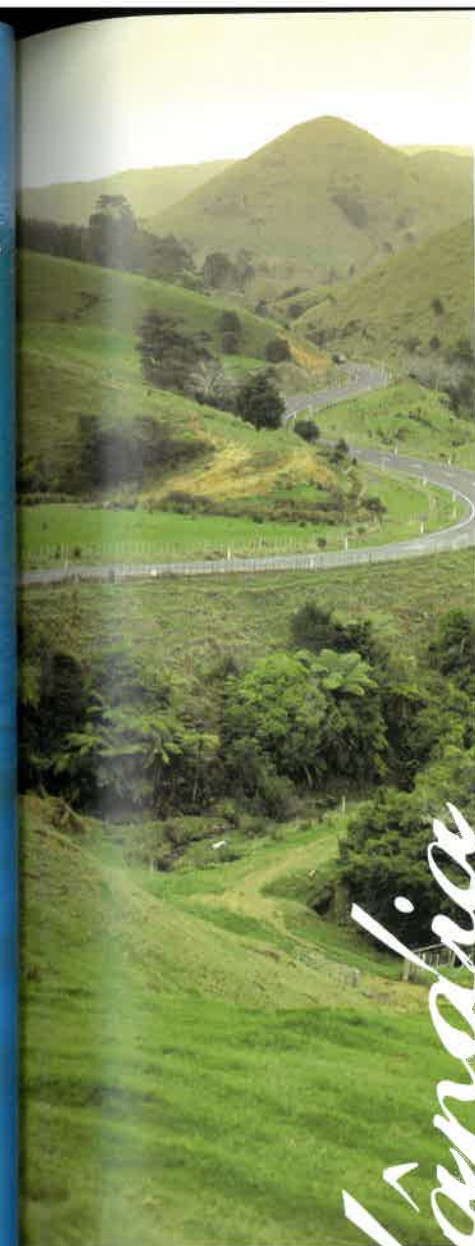
Uma das melhores ondas da Nova Zelândia está na Shipwreck Bay, no extremo norte do país. Quando o swell entra grande o suficiente, pode ser uma esquerda melhor do que Raglan. O clima ao norte beira o subtropical. Assim, uma roupa de meia-estação ou uma mesmo mais fina é o bastante para o inverno. No restante da ilha, há ainda Raglan e Taranaki a oeste, e Gisborne, a península Mahia e Wairarapa a leste. Se você quiser explorar, encontrará ondas em toda a costa neozelandesa.

A ilha do Sul é mais fria, boa para praticar snowboard ou avistar geleiras e fiordes. E se você realmente não se importar com o frio, deve ir a Kaikoura, na parte superior da costa leste. Ali encontrará boas direitas de beach-breaks e muitas jubartes ou baleias-corcundas. Mais ao sul, ficam Otago, Catlins e Southland. A parte sudeste da ilha é um centro de ondas grandes, e também o mar mais frio e agitado do país. Lá, com certeza, você vai precisar de uma roupa bem grossa, de botinhas e capacete de borracha para não congelar.

De quatro anos para cá, acontece nessa região o Desafio de Ondas Grandes (Big Wave Challenge), e uma das ondas do campeonato fica a 7 quilômetros da ilha principal, na ilha Rarotoka, no extremo sul do país. Duas semanas por ano, 18 surfistas de ondas grandes esperam o pico crescer o suficiente e, quando começa a quebrar, todos se juntam em um barco pesqueiro para a viagem de uma hora até o local.

Rarotoka é uma esquerda enorme e assustadora. A onda é espessa e gigantesca, e é difícil saber o lugar do drop que muda continuamente. Às vezes, os surfistas descem paredes disformes e espumantes sem enxergar nada por causa do vapor d'água. Não são muitos os que realmente se divertem nessa onda, mas vale o desafio. Normalmente, após uma sessão, alguns caras da ilha do Norte chegam a ficar pálidos de frio. "Eu vou pôr as mãos em um balde cheio de gelo para esquentá-las", foi o comentário de Mick McDonnell, um surfista de Auckland, depois de um dia de surf bem gelado na ilha.

Ainda para contemplar os big-riders, recentemente uma grande direita foi descoberta em Catlins, na ilha do Sul. O pico chama-se Skeleton Point, e é um reefbreak tão forte que até os mais masoquistas preferem as "bombas mutantes" de Rarotoka a essa onda. Em junho deste ano, Tony Ray e Ross Clarke-Jones vieram a Skeleton Point para fazer tow-in em um swell de 15 a 20 pés. Doug Young e Kyle Davidson, surfistas locais que num primeiro momento estavam remando, perderam a prancha em alto-mar e resolveram locar um jet para fazer tow-in.



Nova Zelândia

Todo esporte extremo que você imaginar é conhecido aqui: surf, mountain bike, paragliding, escalada, alpinismo, kitesurf, vela, exploração de cavernas, caiaque, jet-boating, rafting e por aí vai. Além disso, a NZ é a casa de A. J. Hackett, que inventou o primeiro bungee comercial do mundo, na cidade de Queenstown, na ilha do Sul.

Outra atividade ligada aos esportes radicais na Nova Zelândia é o iron man. O Coast to Coast, o mais famoso deles, acontece na ilha do Sul. O evento começa de manhã bem cedo em uma praia da costa oeste. Na primeira etapa, há uma subida pesada nos Alpes do Sul, e, depois de atingido o outro lado, começa uma longa travessia de caiaque até a planície Canterbury. Lá se pedala cerca de 8 quilômetros até a linha de término, na praia de Christchurch. O kiwi Steve Gurney costuma vencer, assim como muitos outros neozelandeses que estão se tornando conhecidos no mundo todo. Ao final do evento, o organizador da competição, um homem gordo e bigodudo chamado Robin Judkins, entrega a todos os competidores uma lata de cerveja enquanto eles cruzam a linha de chegada.

Os kiwis são pessoas amorosas, divertidas e dinâmicas, mas às vezes, meio malucas. Por exemplo, num inverno em Wairarapa, todo mundo surfa com roupas de borracha grossas, botas e capacetes. Se surfistas estranhos entrarem na água vestindo apenas bermuda e surfarem por umas 2 horas, um deles deverá ser um velho e gordo bodyboarder de costas peludas, conhecido como Walrus (morsa). O outro poderá ser o meu amigo Bede Dellabarca, um kiwi descendente de italiano. Antes de sair, ele cobre todo o corpo com óleo. Recentemente, peguei um trabalho que era fazer uns retratos dele para uma revista local. Ele ficava perguntando: "Como devo ficar, o que devo vestir?" Primeiro ele queria posar de sunga, depois ficou tímido e



Na página anterior, Alan Kitto entocado em Palliser Bay, Wairarapa. O vulcão em atividade Monte Ruapehu e o visual da estrada neozelandesa. Nesta página, o pico conhecido como Nirvana. Abaixo, Chris Malone surfa Catlins.

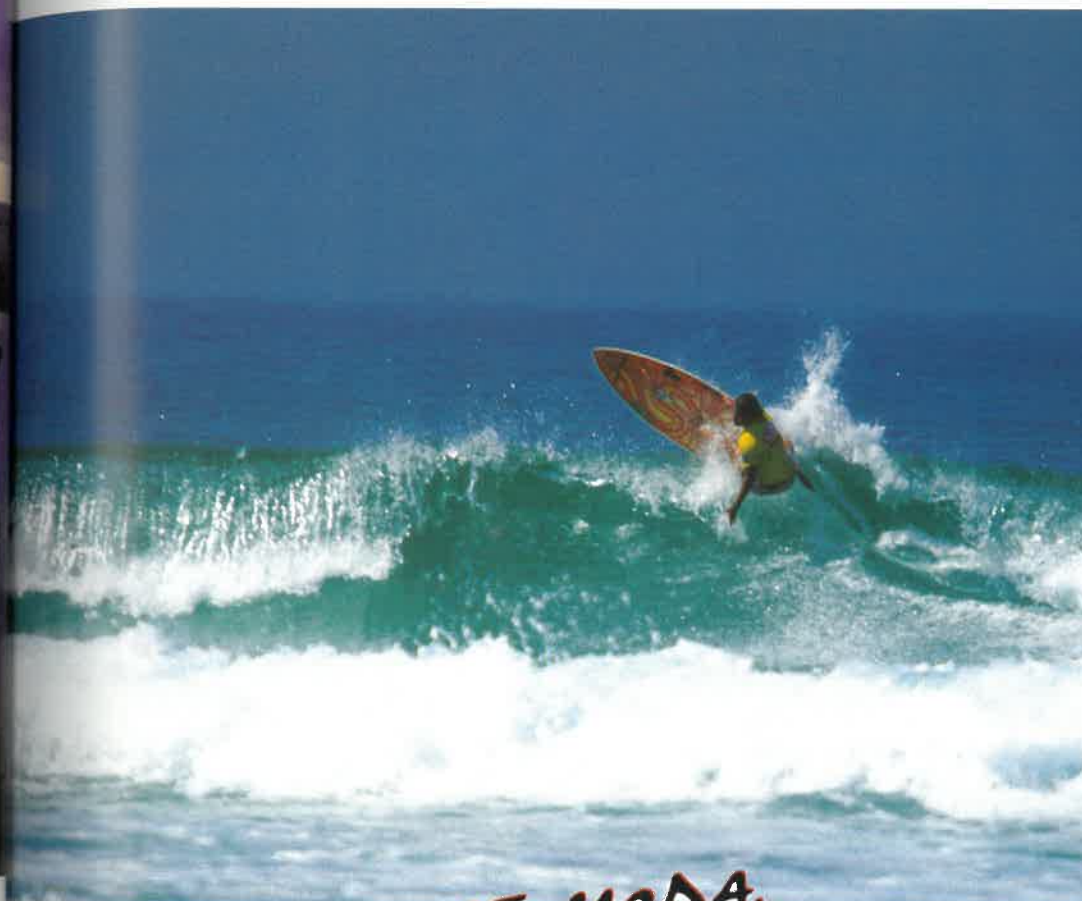




acabou optando por seu short verde-brilhante. Bede também queria que a sua situação pessoal ficasse clara na revista. "Diga a eles que sou solteiro e que meu número está na lista telefônica", vivia falando.

Bom, quanto à erva, existe muito disso aqui. Em alguns lugares, especialmente na ilha do Norte, cultivar marijuana é um grande negócio. Nas florestas, as operações em larga escala são protegidas por armadilhas, guardas armados e muitos outros tipos de riscos. Você pode começar uma plantação por sua conta. Todo ano, os helicópteros da polícia neozelandesa encontram e queimam toneladas de *cannabis*, mas a maior parte não é detectada. Uma bolsinha de um skank potente pode ser comprada por US\$ 150 ou 200. Balas – pequenas quantidades de maconha embaladas em papel alumínio – suficientes para alguns bons baseados custam US\$ 20. Os kiwis fumam maconha sem misturá-la com tabaco. Aqui é ilegal portar qualquer quantidade de maconha. Se for pego, dependendo da situação e da generosidade do policial, você receberá um tratamento diferente. Existe uma grande pressão no país para legalizar a maconha em pequenas quantidades ou ao menos descriminalizá-la. Encabeçando essa campanha, está um político de dreads no cabelo, do Partido Verde, chamado Nandor Tanczos. Mas a Nova Zelândia é um país conservador, temos ainda a rainha Elizabeth nos governando de lá da Inglaterra, e qualquer grande mudança é lentamente estudada e debatida por muitos anos. Isso não faz com que as pessoas parem de plantar maconha em casa ou na mata; o cultivo aqui ainda é muito forte.

Para os surfistas estrangeiros, a melhor ocasião para visitar a Nova Zelândia é a primavera (outubro a dezembro) e o outono (abril a junho). Nessa época, o clima é mais brando que no inverno e há alguns dos melhores swells. Ainda não conheci nenhum brasileiro na Nova Zelândia, mas está mais do que na hora, porque todos os surfistas do mundo são bem-vindos aqui. Lembre-se apenas de sorrir e dizer "oi", e ficará de graça na casa de alguns surfistas que se amarrarão em dividir suas ondas com você.



MAIS DO QUE MODA,

É ATITUDE!

www.offisiren.com.br • (11) 6674 2964

OFFSIREN



10. Super Surf de Ubatuba 2003, por Levy Paiva

Força Titânica

Tita em Hossegor, França, por Yannick Le Toquin



Tita Tavares

Por Viviane Palladino

Se eu tivesse que escolher uma palavra para definir Tita, diria **GARRA**. Para ela, não tem páreo duro. Nas pequenas ela é rápida, nas maiores ela entuba.

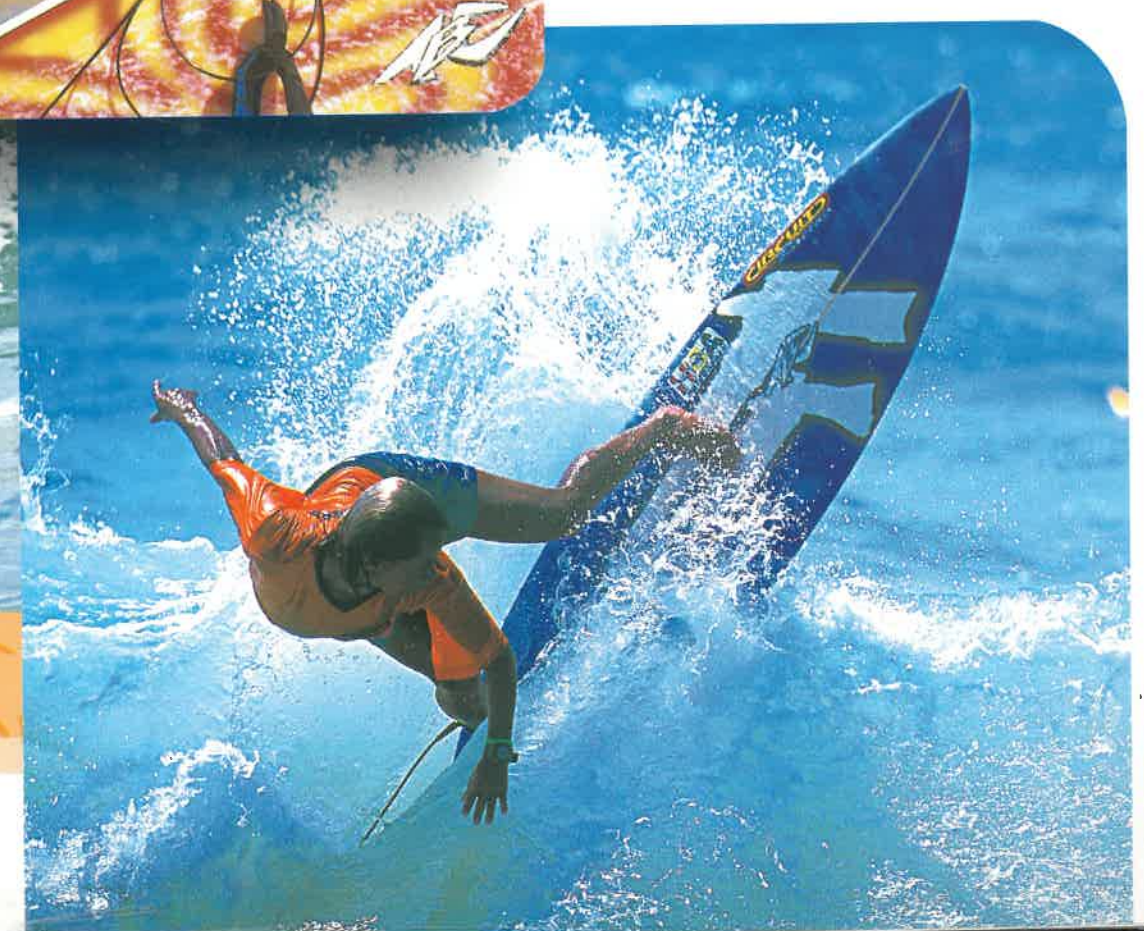


Foto Francisco Chagas



Foto Sean Davey

Depois de ficar um ano e meio sem patrocínio, Maria da Graça Tavares Britto, a Tita, conquistou a equipe da Off Siren e está acelerando no circuito profissional brasileiro.

Conhecida pela agilidade e artimanha de pegar tubos, a baixinha está com tudo no circuito nacional neste ano. Teve uma das performances mais aplaudidas na primeira etapa do Super Surf e ainda tirou o primeiro 10 da temporada com um tubo perfeito, subindo ao pódio de Maresias ao lado de Peterson Rosa. Em Itamambuca, ela repetiu a dose com a melhor performance feminina logo na abertura do campeonato e, nas quartas de final, pegou o único tubo do dia. Após derrotar Andréa Lopes nas semis, Tita bateu a local Suelen Naráisa e subiu no pódio novamente, assumindo a liderança do campeonato e totalizando sete vitórias no Super Surf (cinco a mais que a tricampeã brasileira).

Atualmente, esse foguetinho não compete no WCT, mas está forte no World Qualifying Series para voltar à elite mundial. É difícil de imaginar, mas uma atleta que já ocupou a 3ª terceira posição no ranking mundial vinha passando por muitas dificuldades para competir nos circuitos profissionais desde 2001, devido ao corte de investimentos por parte da Maresia. "Eu estava numa temporada boa. Só recebi um telefonema quando cheguei e fiquei sabendo que eles iam tirar o meu patrocínio." A empresa alegou que entraria em concordata, o que determinou um corte de verbas. "Eu me senti muito mal, como profissional não queria deixar de correr nenhuma etapa do mundial, e acabei não correndo", conta a atleta.

Durante todo esse tempo, Tita recebeu ajuda do governador do Ceará, Tasso Jereissati, no qual ela depositou sua confiança para ter o mínimo necessário para competir no mundial. Por meio de uma verba que era enviada diretamente à ASP, Tita conseguiu hospedagens e as passagens para correr as etapas do WCT. Em 2001, ela ficou em 9º lugar, garantindo sua vaga para o ano seguinte. Já no ano passado, seus resultados não foram suficientes para a classificação.

Na última etapa do mundial de 2002, com a verba do governo quase se esgotando, Tita conseguiu apenas a passagem para o Hawaii, onde aconteceria a final. "Dormi duas ou três semanas dentro do carro, surfei mal alimentada e me sentindo fraca.



Tita

Isso me atrapalhou um pouco psicologicamente. Eu estava lá, mas não me sentia bem, porque sabia da minha situação, o que me deixava mais cansada", conta.

No entanto, tudo o que ocorreu durante esse período ajudou Tita a crescer. A atleta encarou os acontecimentos como uma forma de aprendizado, e sua performance dentro da água progrediu. "Isso só me deu mais força, vontade, gás e energia para estar todo dia treinando para o WCT", ressalta ela, consciente da fase ruim que passou. Tita nasceu em uma família humilde, na praia do Titanzinho, Ceará, e quando começou a surfar nem prancha tinha. Ela aprendeu a fabricar o seu brinquedo com os amigos da região. "Na época, os meninos aqui surfavam com madeira, e eu comecei também a surfar assim até ganhar a minha primeira prancha, com 10 anos", lembra. Sempre religiosa e acreditando no dom que Deus havia lhe dado, Tita seguiu o seu coração e continuou vivendo do surf. Com apenas 18 anos, a cearense venceu o Mundialito, campeonato Pan-Americano realizado na Venezuela e, no ano seguinte, continuou mostrando a sua força com mais uma vitória no Pan-Americano e o vice-campeonato mundial amador. Em 1996, seu ano de estreia no circuito profissional, ela recebeu a primeira nota 10 unânime do surf feminino, em um evento em Durban, África do Sul, o que significou um passo muito importante para a sua carreira. Em 1997, um prêmio concedido durante a premiação da Vans Triplíce Coroa, no Hawaii, reconheceu a atleta como surfista revelação do momento.

Logo, a pequena notável já estava estampada na mídia especializada dos Estados Unidos, Austrália e Hawaii. Recebeu elogios do big-rider americano Brad Gerlach e do surfista profissional e ícone havaiano Ross Williams. Foi considerada a melhor surfista brasileira pelos australianos, e no outside faz qualquer competidora tremer na base. Tita parece usar a rivalidade com as gringas como combustível para o seu surf. "Dá uma ansiedade boa saber que eu sou um calo na frente delas, que incomodo. Me deixa bastante orgulhosa. É uma satisfação muito grande saber que sou boa o suficiente para compartilhar as baterias de igual pra igual, que sou uma profissional que briga como elas, não importa a nacionalidade. Elas sabem que eu tenho capacidade de ser campeã mundial. Acho que é por isso que elas tremem."

Jacque Silva, atual vice-campeã mundial e com quem Tita mantém amizade, concorda que ter a baixinha como adversária não é nada fácil. "A Tita surfa forte e com segurança. Tem a manha de colocar a prancha na parte crítica da onda e voltar com sucesso. Além de tudo, ela compete bem e pode virar a bateria a qualquer momento", conta Jacque.

"Eu não sou diferente de ninguém. Dificuldades todos passamos, acontece que eu não tive muitas oportunidades. Então o que eu faço é procurar não colocar isso no meio, esquecer o que passei e viver o presente. Passado é passado. Se a gente ficar vivendo o que passou, só vai se abalar. Então, temos que viver o presente e aproveitar os momentos bons da vida."

Em 1999 Tita fechou o ano em 6º lugar no WCT e em 2000 foi mais adiante, com a 4ª posição, sua melhor colocação no ranking final até o momento. Aliás, 2000 é lembrado com muito orgulho pela atleta por ter sido o seu ano recorde de vitórias. Além da melhor colocação que já conseguiu no ranking mundial, reuniu três títulos: campeã brasileira, 1ª no World Qualifying Series (após a 3ª e a 2ª colocações em 1999 e 1998, respectivamente) e campeã dos jogos mundiais de surfe da ISA.

É lógico que para chegar aonde está Tita já teve que comer muito feijão com arroz. Desde criança a cearense tem uma forte rotina de treino, que já alcançou 9 horas por dia, e se mostra muito esforçada na busca de resultados nos campeonatos. Uma das inspirações de Tita foi Lisa Andersen, com quem ela disputou uma das baterias mais memoráveis de sua vida. Numa final acirrada contra a Lisa, durante etapa do WCT realizada na ilha Reunião, Tita deu trabalho para a tetracampeã mundial e ficou com o 2º lugar por uma diferença de 3 a 4 pontos. "Esta, com certeza, foi a melhor de todas. Foi pau a pau contra a Lisa, numa das minhas primeiras finais no WCT!", vibra Tita,



Tita

"Elas sabem que eu tenho capacidade de ser campeã mundial, acho que é por isso que elas tremem."

Tita arrebatando no Titanzinho.
Fotos Francisco Chagas



Nota da Redação

A última atuação de Tita, antes do fechamento desta edição, foi durante as etapas do WQS na França. A baixinha teve uma ótima performance em Lacanau tirando 6 das 10 maiores notas de todo o Nokia Trophée (etapa 5 estrelas) e ficou com a vice colocação - perdendo somente para a sua contemporânea Silvana Lima por 0,4 pontos. Na etapa de Hossegor, em uma disputa de ondas fracas, ela ficou com o 3º lugar.

que, para chegar à final, teve que derrotar a campeã mundial Pauline Menczer, a lendária Pam Burridge e, na semi, Lynette MacKenzie; todas australianas reconhecidas internacionalmente desde aquela época.

Beneficiada pelo seu 1,45 metro,

Tita tem um surf ágil, forte e a fama de virar as baterias na última onda. Qual é a fórmula? "Eu fico sempre ligada em quanto falta para o final da bateria, e se vejo que estou precisando de uma onda para virar, me concentro bastante e guardo as minhas energias para fazer o possível e virar naquela onda. É tudo ou nada."

Para aqueles que a denominam uma *tube riding*, ela confirma: "Procuro praticar muito, principalmente nas direitas do Titanzinho. O mar aqui proporciona altos tubos quando tem swell. Treino muito aqui, é por isso que estou me achando nas baterias com os tubos".

Agora tudo o que ela quer é conquistar o bicampeonato nacional e brigar no WQS para voltar à elite mundial. Mais do que isso, ela morre de vontade de fazer parte de outros vídeos de surf, como já aconteceu no australiano *Changes*, uma produção de 1995 na qual Tita era a única mulher entre os melhores do mundo e foi considerada a melhor surfista do Brasil com apenas 20 anos. Como qualquer atleta brasileiro que se preze, ela ainda sonha com o título mundial, e para isso está treinando bastante. Para continuar com força total, a atleta não tira da mira o seu ideal de vida: viver o presente. "Eu não sou diferente de ninguém. Dificuldades todos passamos, acontece que eu não tive muitas oportunidades. Então o que eu faço é procurar não colocar isso no meio, esquecer o que passei e viver o presente. Passado é passado. Se a gente ficar vivendo o que passou, só vai se abalar. Então, temos que viver o presente e aproveitar os momentos bons da vida."

Foto Yannick Le Toquin



Em qualquer lugar, em qualquer tempo, sempre aos seus pés!



[11] 6128.6868

WORLD CHAMPION LONGBOARD PROFESSIONAL PHIL RAJZMAN

2003



Phil Rajzman

Rico de Souza

1989



ESCOLA DE SURF *Rico*

ACREDITANDO NO FUTURO
FORMANDO CAMPEÕES

Sheraton Barra - Posto 4 aulas em grupo e particulares
Tels.: 3328-3016 / 3328-2977
www.ricosurf.com.br

Encomendas de pranchas p/ todo Brasil



SUA
ONDA
COMEÇA
AQUI

- CONDICÕES DO MAR
- PREVISÕES DAS ONDAS
- FOTOS DIGITAIS
- BEACH GIRLS
- BOLETIM DAS ONDAS POR E-MAIL
- SURF SHOP VIRTUAL
- COBERTURA DOS PRINCIPAIS CAMPEONATOS
- AS ÚLTIMAS NOTÍCIAS DO MUNDO DO SURF



ESCOLA DE SURF *Rico*

informações:
3328-3016
3328-2977



Este texto é dedicado a todos os surfistas que não têm medo de crescer, e que por meio de constantes inquirições se desenvolvem continuamente, não apenas como homens do mar, mas também como seres humanos, filhos do universo.

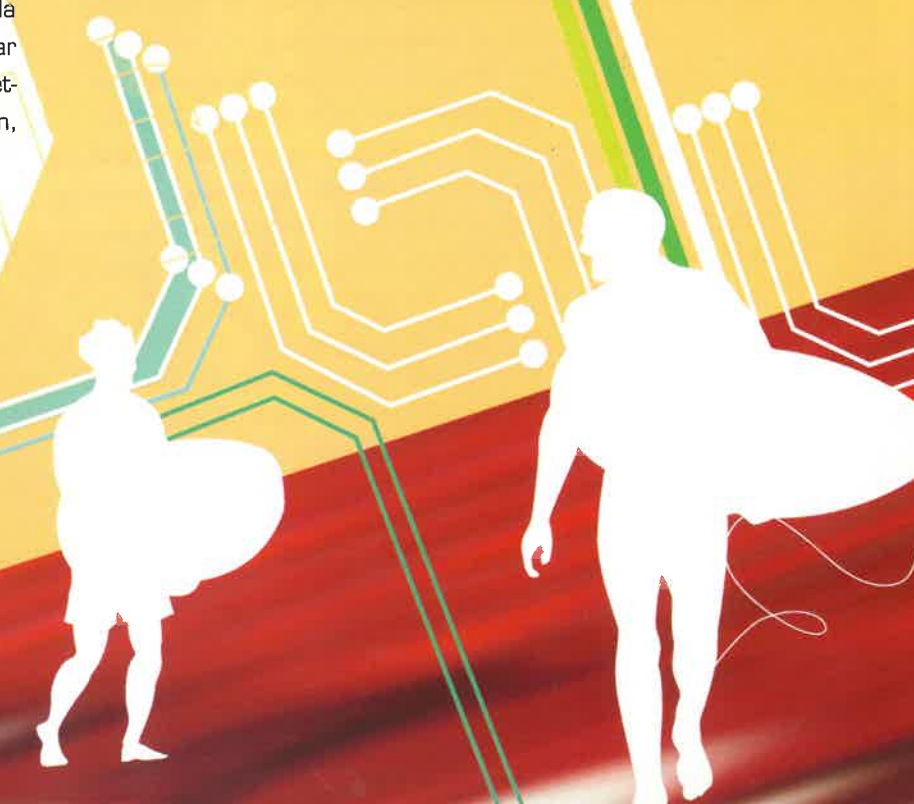
Por Marcello Árias
Ilustrações Fernando C. Siniscalchi

mento adquirido no empenho com o método em questão, Albert Einstein um dia afirmou: "Tudo o que os homens fazem ou pensam está associado à satisfação de suas necessidades ou à fuga da dor que comumente o aflige. Deve-se ter isso em mente ao tentar compreender movimentos espirituais ou intelectuais". Até o ano de 650 a.C, todos os questionamentos do homem sobre suas aflições e suas dúvidas eram sanados por meio de respostas pautadas na fé e na crença, principalmente na crença em um ser onipresente, onisciente e onipotente denominado Deus. Entretanto, na cidade grega de Mileto, na costa oeste da atual Turquia, um sábio conhecido como Tales de Mileto ousou filosofar sobre o funcionamento do mundo e dos homens sem apelar para um conceito divino. Estavam fincados os alicerces do método científico, que gradativamente passaram a suportar o aperfeiçoamento dessa instigante forma investigativa, na medida em que centenas de céticos lançavam seus olhos para os céus à procura de respostas concretas para os mistérios do cosmos. Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Faraday, Darwin, Planck, Einstein, Bohr, Hubble, entre outros, foram os responsáveis por trazer luz aonde antes habitavam as trevas e seus filhos: o medo, a ignorância e o dogma. Graças a esses personagens, hoje sabemos um pouco mais de nós mesmos e do universo que nos cerca. Tom Blake (o inventor da quilha e da prancha oca), Dale Velzy e Joe Quigg (pioneiros na utilização da madeira balsa na construção de pranchas de surf), a turminha composta por George Greenough, Nat Young, Wayne Lynch e Bob McTavish (responsáveis pela revolução das minimodels), Bob Simmons (o precursor dos trabalhos com resina em pranchas de surf), Gordon "Grubby" Clark (pioneiro na utilização do poliuretano na fabricação de pranchas de surf), entre outros tantos personagens da epopéia surfística mundial podem não ter sido tão importantes no âmbito do conhecimento universal (nem ao menos foram cientistas, se formos analisar o conceito em sua mais pura acepção), entretanto colaboraram bastante com a evolução do surf, na medida em que descobriram utilidades para os novos conhecimentos desenvolvidos por meio do crescente e incessante método científico. Esses caras foram

inventores, adequaram novas tecnologias aos seus brinquedos aquáticos e impulsionaram o surf rumo ao que ele é hoje. Mas, voltando à nossa ciência, sabemos que ela trabalha com instrumentos diferentes dos utilizados pela religião, pois tem um método e não se prende a dogmas: a ciência parte de uma hipótese relativamente lógica e desenvolve métodos de averiguação dessa hipótese. Calcula por meio da matemática a probabilidade de o acaso ser responsável pelo efeito medido e permite a reprodução dos resultados por outras pessoas. Caso tudo isso ocorra, hipótese, investigação/mensuração, reprodução e consenso, a teoria é validada, caso contrário, é descartada no lixo sem dó nem piedade, sem remorso nem arrependimentos vãos, e o cientista adapta seu rumo sem arrependimentos nem fixações emocionais desnecessárias. Na ciência o que impera é a verdade relativa, momentânea, adogmática, impermanente, tal qual o swell, que sempre se renova. Nossa patroa ciência mantém-se sempre aberta a futuros questionamentos, quando não à total modificação de seus conceitos. Em nosso surf, os fatos não têm sido muito diferentes. Apesar de os avanços na área esportiva não repercutirem tão profundamente na alma humana como os avanços da física e da biologia, é inegável seu poder de redimensionamento dos limites do que se pensava possível há alguns anos atrás. A mesma tecnologia que levou o ser humano ao espaço e que permite o envio de sondas aos planetas mais distantes está hoje a serviço do mais simples e iletrado surfista de nossas praias. Finíssimas roupas de neoprene nos protegem do frio e amplificam nossa sagrada diversão, na medida em que nos permitem surfar ondas gélidas nos locais mais inóspitos da terra. Levíssimas pranchas de resina epóxi nos fazem decolar rumo ao que outrora era um sonho improvável. Potentes jetskis, aliados a minúsculas e resistentes pranchas de tow-in,

nos arremessam para dentro de ondas classificadas como insurfáveis há apenas alguns anos atrás. Máquinas sofisticadas, atuando com auxílio de programas computadorizados, são cada vez mais comuns nas fábricas de pranchas, e vão tornando a tão sonhada réplica da prancha mágica um fato quase consumado. Mas, apesar da aparente velocidade evolutiva, os conhecimentos científicos movem-se lentamente pelas vielas da história. Nosso surf, por exemplo, somente há pouco começou a ser estudado e compreendido pelas ciências biológicas e sociais. A maioria dos estudos encontrados nessas áreas limita-se a relacionar o surf com estatísticas de lesões, pequenas patologias e acidentes em geral, aparecimento de dermatites e câncer de pele. Ainda é difícil encontrar um número significativo de pesquisadores que se voltam para a parte boa da prática do surf, ou seja, as adaptações fisiológicas e morfológicas advindas da brincadeira cotidiana com o surf, ou mesmo as interessantes características sociais de nossa tribo. Embora a quantidade de trabalhos seja extremamente pequena, quando comparada à dos outros esportes (natação, esqui alpino, futebol, etc.), ela nos proporciona informações bem interessantes. Sabe-se hoje que o surf é um esporte muito seguro, e isso vai contra a crença popular. A maioria de nós, surfistas, sofre em média de dois a quatro pequenos acidentes (leves torções ou pequenas escoriações) a cada mil dias surfados! Os esportes coletivos e o ciclismo são muito mais perigosos. Sabe-se também, graças a tais pesquisas, que a capacidade cardiorrespiratória do surfista é extremamente elevada e assemelha-se aos valores apresentados por esportistas altamente treinados em esportes de

Surf & Ciência



endurance, como os nadadores, canoístas, ciclistas, entre outros. Mas temos que tomar cuidado também. Graças às intermináveis remadas que damos pela vida afora, temos uma chance amplificada de desenvolver problemas com os ombros. Sendo assim, para que possamos estender nossa vida útil em nosso esporte, é imperativo que cuidemos adequadamente da saúde dessas articulações, fazendo exercícios compensatórios para os músculos da região das costas e evitando trabalhar em demasia os músculos da região peitoral.

Como podemos notar, a ciência já está presente em nossa simplicidade. Algumas pessoas às vezes me questionam se o surf não estaria perdendo sua pureza e sua patente espiritualidade com todos esses avanços científicos e tecnológicos. Questionam-me se a inserção de nosso esporte em universidades não o elitiza em demasia, minando suas singelas origens. Essa é uma questão bem complexa, e creio que cada um de nós deve meditar muito antes de tentar responder a ela convictamente. Particularmente, sou adepto da opinião de Albert Einstein sobre religiosidade e ciência. Para ele, o ser humano forjou ao longo do tempo várias imagens de Deus por meio da religião. Nos primórdios de nossa era, ao menos a maioria das religiões foram pautadas no medo ao criador... Religiões do medo. O Antigo Testamento é um exemplo digno de menção. O próximo passo foi a transmutação da religião do medo em religião moral, social, de natureza compartilhadora. Podemos observar esse fenômeno já no Novo Testamento. A partir daí, apenas indivíduos excepcionalmente dotados ou comunidades especialmente desenvolvidas transitariam sobre essa segunda versão religiosa, em um terceiro plano, que poderia ser chamado de "sentimento religioso cósmico". Aqui, o indivíduo percebe a futilidade de seus desejos e de suas ambições cotidianas, além de intuir a nobreza e a ordem reveladas pela dança do universo. Os gênios religiosos de todos os tempos se distinguiram na medida em que expressaram esse sentimento ao mundo, independentemente das futuras religiões erigidas em nome deles depois de seu desencarne, ou seja lá como chamemos essa partida. Buda, Cristo, Maharashi, Gandhi, Spinoza, Demócrito, São Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier, são somente alguns exemplos que podem adequar-se a tal contexto. Contudo, ainda segundo Einstein, a experiência religiosa cósmica é a maior e mais nobre força motriz que há por trás da pesquisa científica. "Que profunda fé, que anseio de compreender não devem ter tido Kepler e Newton, para desvendar os mecanismos celestes num trabalho árduo e solitário durante anos...".

E assim caminha a ciência... Por vezes uma fantástica descoberta (como a invenção do poliuretano) é seguida por trágicos resultados (como a poluição de nosso meio ambiente). Mas sempre existirão pessoas boas, destinadas a consertar ou ao menos minimizar os danos pretéritos, e aprender com eles, apoiando-se novamente na amoral ciência. Em nosso universo surfístico já transitam boas almas tentando reverter alguns de nossos equívocos. É o caso do surfista Paulo Eduardo Antunes, da Marbrás et Mundi, que vem desenvolvendo formas de minimizar a agressão ecológica que patrocinamos no momento em que encomendamos nossos brinquedos de falar com Deus. Paulo desenvolveu métodos de reciclar os dejetos poluidores que entopem as oficinas pelo mundo afora, diminuindo dessa forma nossa parcela de culpa, nosso egoísmo e nossa ganância pela diversão.

Surf religião X surf ciência... Surf intuição X surf razão... Talvez sejamos mesmo muito infantis no momento em que nos deparamos com essas supostas incongruências, pois em meio aos nossos sentimentos mais sublimes e religiosos, em meio aos nossos atos mais fundamentais, quando o assunto abordado é o surf, cinco mais cinco continuarão a ser dez, e as leis da mecânica quântica e da relatividade continuarão valendo, estajamos onde estivermos, inseridos em laboratórios de biologia molecular ou meditando em nosso sagrado pai oceano.

Que a vida se torne cada vez mais clara e dotada de sabedoria, conhecimento e cultura, e que essas qualidades, unidas, patrocinem nossa evolução espiritual.

Aloha/mahalo



A GENTE VÊ MELHOR POR AQUI.

022030,0

022050

FELIPE FREITAS

SPY[®]
tel (11) 4701-8722 - www.spy.com.br



Surf & Ciência

O homem e a máquina

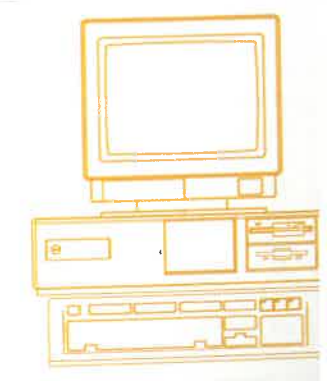
Texto e fotos Alberto Woodward

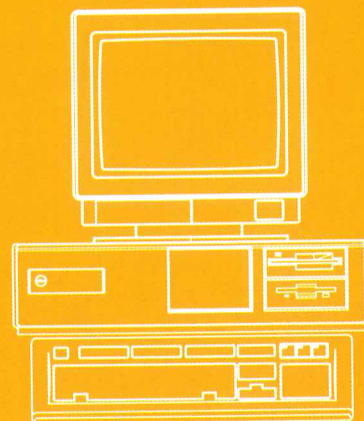
A necessidade é mãe das invenções. Essa máxima tem acompanhado a evolução do homem em sua história: a manipulação de ferramentas, o domínio do fogo, a criação da roda, a fundição dos metais, o uso da eletricidade, etc. No surf não foi diferente. Atualmente temos pranchas dos mais variados tipos para diversos fins, e tudo aconteceu pela necessidade e pelo vislumbre das possibilidades.

Hoje podemos conversar por telefone com um cara que está no amanhã (Japão). Se alguém dissesse que isso seria possível na Idade Média, certamente seria queimado na fogueira pela Santa Inquisição (tudo em nome do bom Deus). Mas se não fosse um maluco imaginar que tal coisa fosse possível... Pois bem, foi justamente tomado pelo impulso da necessidade que Luciano Leão desenvolveu sua máquina de shape. Mesmo quando todos diziam que não daria certo, porque outros haviam tentado sem obter resultados satisfatórios, perseverante, ele acreditou que seria possível. Pesquisou, observou, testou e acabou criando uma máquina revolucionária, testada e aprovada por shapers do calibre de Pat Rawson e Eric Myakawa. Confira, na entrevista, como foi o nascimento desse produto **made in Brazil** de reconhecimento internacional.

Alberto Woodward: Quando foi que você resolveu montar a sua própria máquina de shape?

Luciano Leão: Comecei a bolar isso em 1989, quando notei que minha idade avançava e o número de pedidos aumentava. O histórico é o seguinte: trabalhei de 82 a 91 como médico, mas já shapeava desde 74. Parei durante a faculdade, porém voltei a fazê-lo depois de formado. Eu trabalhava o dia todo como médico;





chegava em casa às 18 horas e, para relaxar, gostava de shapear algumas pranchas. Aí o negócio de prancha foi crescendo, uns amigos meus começaram a vender algumas, e o negócio estorou. Até que, em 89, comecei a ter um volume grande de pranchas. Eu ainda trabalhava como médico na época, mas senti que a coisa estava ficando meio crítica. Em 91 resolvi parar com a medicina e me dedicar só às pranchas. Não foi uma decisão fácil, mas optei por ter mais qualidade de vida, mais liberdade, poder trabalhar de calção... É um serviço duro, bastante preciso e forte, mas os relacionamentos são muito legais. Você fala com pessoas que tem a ver com você, faz muitos amigos e é um estilo de vida bastante legal. Hoje, moro em Camburi (São Sebastião, litoral norte paulista). Em cinco minutos vou da minha casa para a fábrica; pego onda toda vez que entra um swell. E é um visual, né? O lugar é lindo! Alguns amigos meus, médicos, advogados ou engenheiros, que trabalham nessa rotina social de horário, eles me olham e falam: você é que está certo!

Vamos voltar um pouco mais ao passado. Como é que você pegou o shape... alguém te ensinou, qual foi a sua base?

Quem me ensinou os primeiros passos sobre a fabricação de pranchas foi o pessoal da Costanorte, o Bill e o Rafael. Eu era moleque e morava no bairro do Alto de Pinheiros (oeste paulistano). Eles tinham uma fábrica na Lapa, que era relativamente perto; eu ia para lá e ficava encostado na porta observando tudo. Em 1976, resolvi montar algo com um amigo meu, o Miguel (hoje ele é dono da Hot Surf). E aí a gente começou uma produção: eu shapeava e ele fazia o glass. Do pessoal de fora, o Jeff Bushman foi um grande professor e me ensinou muito de shape. Teve ainda o Eric Myakawa e o Bill Hamilton, pai do Laird Hamilton, a quem sou muito grato porque, em 79, eu estava em Kauai, e ele me deu uns toques, e uma puta atenção. Foram ensinamentos preciosos não só para minha formação, mas também para a concepção da máquina. Em 91, o Bushman esteve comigo aqui no Brasil, comentei com ele sobre o meu projeto e ele achou loucura: "Cara, cê tá maluco, vai quebrar a cara", disse.

De onde surgiu a idéia de construir uma máquina de shape?

Em 1989, quando senti a necessidade de agilizar o processo, saiu uma reportagem na revista *Surfer* sobre uma máquina computadorizada que o pessoal estava usando, e aquilo aguçou meu interesse. Fui para os Estados Unidos e passei em San Diego (Califórnia) especialmente para visitar esse cara que tinha a máquina, que era o Tony Channin. E o cara não me deixou ver a máquina, mas me mostrou o pré-shape. Foi o suficiente para eu entender como poderia fazer um sistema próprio. Voltei muito animado da viagem, comecei a matutar como ia fazer a máquina, e passei a estudar um pouco sobre motores, computação.

Então, desde o começo, a idéia já era construir uma coisa computadorizada. Você não pensou em primeiro fazer uma mecânica para evoluir depois?

Sim. Eu fiz uma máquina dessas fáceis, pantográficas, com curvas e deck. A gente usou essa máquina uma época enquanto a minha computadorizada não ficava pronta. Ajuda bastante o shaper, mas é rudimentar. Ela dá um bloco melhorado, mas se perde bastante tempo arrumando tudo. Eu queria algo mais sofisticado. Já existiam outras máquinas, só que elas não funcionavam como deveriam, e eu buscava sofisticar o processo.

Como é esse negócio de computadorizar a máquina? Você tem que bolar um software, não é?

A história é a seguinte. Eu não faço tudo da máquina. Sou técnico em eletrônica, mas não sei dimensionar um resistor (ou transistor). No entanto, sei como funciona, entendo como uma placa controladora da atmosfera do motor opera; não sei calcular a placa, mas sei como ela tem que trabalhar. Hoje em dia esses projetos são meio prontos. Na época em que eu fiz, não eram. Então tive que ir atrás de algumas pessoas para resolver determinados problemas. Mas toda a parte de programação fui eu que fiz. Já a parte matemática, de cálculos, da máquina, não, porque a minha formação não é essa. Funciona assim: eu tô escrevendo um software e chega uma hora em que eu tenho um problema, que preciso resolver; aí vou atrás de quem possa solucionar isso para mim.

Quer dizer que, além de médico, você tem conhecimentos de eletrônica e computação?

Sim. É por isso que não existe ninguém que consiga montar a minha máquina, porque só eu conheço as várias partes. Apesar de ter mais três pessoas com algumas informações em certas áreas, elas não têm ciência das partes entre si da máquina. Meu modelo é único. Não existe nada similar no mundo inteiro. Atualmente, temos três tipos de máquinas: a que o pessoal chama de *minimachine*, que é um modelo mais rudimentar, 100% manual; a pantográfica, que é a que o Avelino Bastos tem; e as computadorizadas, que nasceram a partir de máquinas para marcenaria, como as adaptadas por uma companhia de maquinaria industrial chamada KKL. Essa empresa desenha e faz a mesa que segura o shape. Porque uma coisa é você ter a máquina controladora, e outra é como vai por o shape lá e segurar ele ali na posição. Então, ao comprar uma máquina deles, você compra três pacotes diferentes: a máquina, o software e a mesa. Essa máquina computadorizada que eles tem lá (EUA) é uma máquina de cópia. O cara tem que shapear na mão. Eles escaneiam a prancha por dentro da máquina e através de um software (que não tem a mesma liberdade que o meu), e conseguem redimensionar esse master para alguns tamanhos, larguras e situações, deixando a prancha tipo uns 90% pronta.

Ou seja, o que ela não faz é o acabamento?

Não, a idéia de máquina de shape entra num outro conceito. A máquina na verdade não é uma máquina de shape, mas sim uma máquina de pré-shape. Porque exige o acabamento manual, que é aquele toque final necessário, em que você consegue mudar bastante coisa. Se você não for um shaper treinado, pode até estragar o que a máquina fez. É diferente destas máquinas que

você vê na televisão, que acabam sendo uma peça inteira. Até é possível fazer isso, mas não é viável. E eu particularmente acho até bom ter ainda aquele toquezinho final humano.

Quais são as variáveis que entram na programação, seria peso, altura, hidrodinâmica?

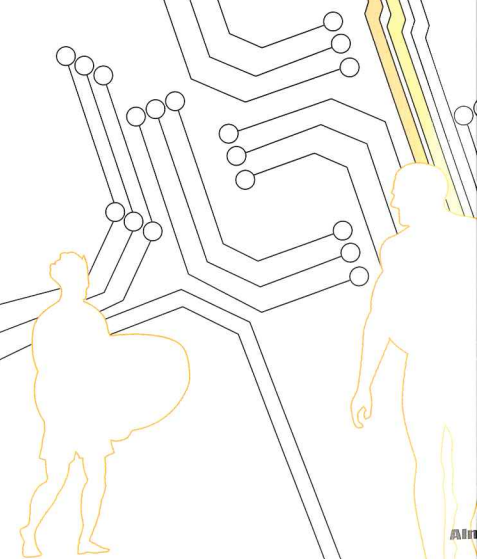
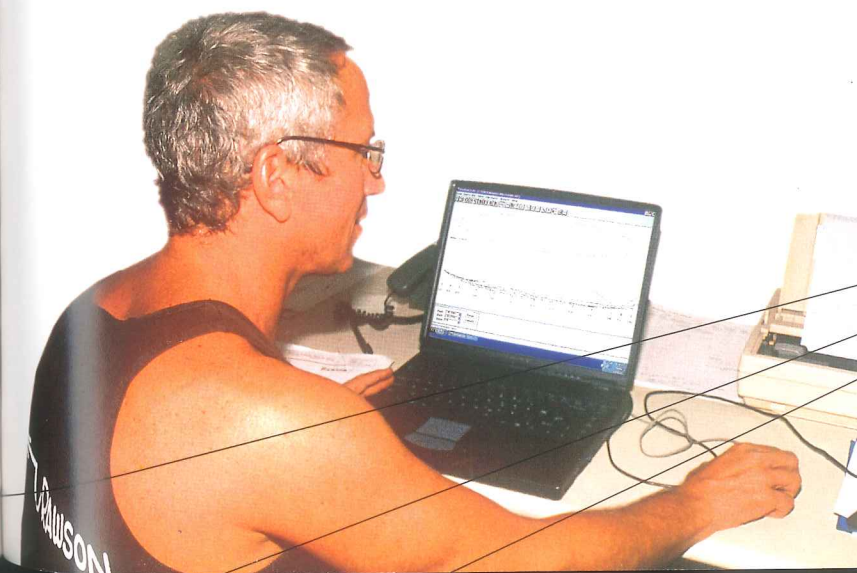
Isso é uma coisa que eu faço questão de explicar bem, porque até hoje nunca foi bem definido no mercado. O surfista ainda não entendeu como esse treco funciona. Todo mundo pensa em uma coisa do tipo linha de produção industrial, que vai entregar um monte de shapes. De fato, algumas máquinas trabalham mais ou menos assim. Mas a grande divisória da minha máquina em relação às outras é que criei um programa específico, chamado Surf Cad, em que você shapeia a prancha no computador. Existem outros programas no mercado, mas o meu é considerado o melhor, o mais fácil de usar e o mais "friendly". Essa é a grande diferença.

Vamos supor: eu chego lá, quero uma prancha de tow-in para surfar Jaws, e te dou todas as medidas. A partir daí, você senta no computador e pensa nas minhas medidas e na função para a qual eu quero a prancha. Dá pra fazer isso com qualquer tipo de prancha? Você trabalha todas as variáveis dentro do seu software?

Não. As medidas e as outras variáveis você trabalha na sua cabeça; você é o designer. O surf cad é um programa de desenho em que você vai desenhar a sua prancha com medidas que você controla ali.

Não há padrões predeterminados?

Tudo o que é padrão te deixa restrito; software não é para você ficar limitado, é para você ser criativo. Então, o programa nada mais é do que uma ferramenta que vai dar condições ao shaper, ou designer, de criar o que ele quiser. Não é porque a prancha foi feita na máquina, ou mesmo manualmente, que ela vai ser boa ou ruim. Mas, com certeza, uma prancha feita na máquina que ficou boa será possível repetir, melhorar e, depois de um tempo, reproduzi-la ainda melhor. Coisa que, na mão, é impossível. Você pode ter uma boa prancha 6'0" e fazer uma exatamente igual, só que 6'2". Porque o computador simplesmente a expande automaticamente. Mas quem desenhou essa 6'0" foi o shaper. Se o cara não desenha bem, não é um bom designer, não entende como uma prancha funciona, não adianta usar o software. A vantagem da máquina é que o shaper acaba evoluindo, acaba tendo mais controle sobre o trabalho e as medidas que está usando, com muito menos esforço. Ele pára com o processo braçal e começa a pensar, a usar o cérebro.



Você começou a pensar na máquina em 89, alguns anos depois fez o primeiro protótipo, mas quando foi que ela ficou realmente pronta?

Na verdade, legal mesmo, há dois anos. Foi quase uma década de evolução, ou melhor, de aceitação. Em 1994 ela começou a funcionar, mas ao nível produtivo mesmo só em 95. As máquinas melhores, de última geração, já têm uns três anos. No entanto, elas nunca param de evoluir. É um equipamento que quase não quebra, e o software já está bem mais refinado. Agora, o público ainda não aceitou isso completamente por falta de conhecimento.

Tem gente que segue uma linha mais naturalista. Alguns até mesmo implicam com o tow-in, acham que é uma coisa artificial... No seu caso, deve rolar essa polêmica da máquina contra o homem.

Na verdade, defendendo um pouco o tow-in. Acho que só quem nunca praticou fala essas bobagens; depois que fizer, muda de opinião. Acho que com a máquina é a mesma coisa. Quando um shaper usa a máquina pela primeira vez, não quer saber do método antigo nunca mais! E não tô falando no chute, não. Se você perguntar para os caras, o Myakawa, o Rawson, você vai ver.

As primeiras máquinas saíram daqui quando?

Em 1996. A primeira foi para o Glen D'Arcy e a segunda para o Eric Ayakawa e o Bushmann juntos, em 1998. Depois, na seqüência, Town & Country e HRC, ambas no Hawaii. Depois foram para a Flórida, Califórnia e Europa. Hoje os maiores centros mundiais de prancha possuem a máquina. Este ano instalei em janeiro uma para o Rusty e, em agosto, outra na Espanha.

Você diria que lá fora sua máquina é mais valorizada do que aqui?

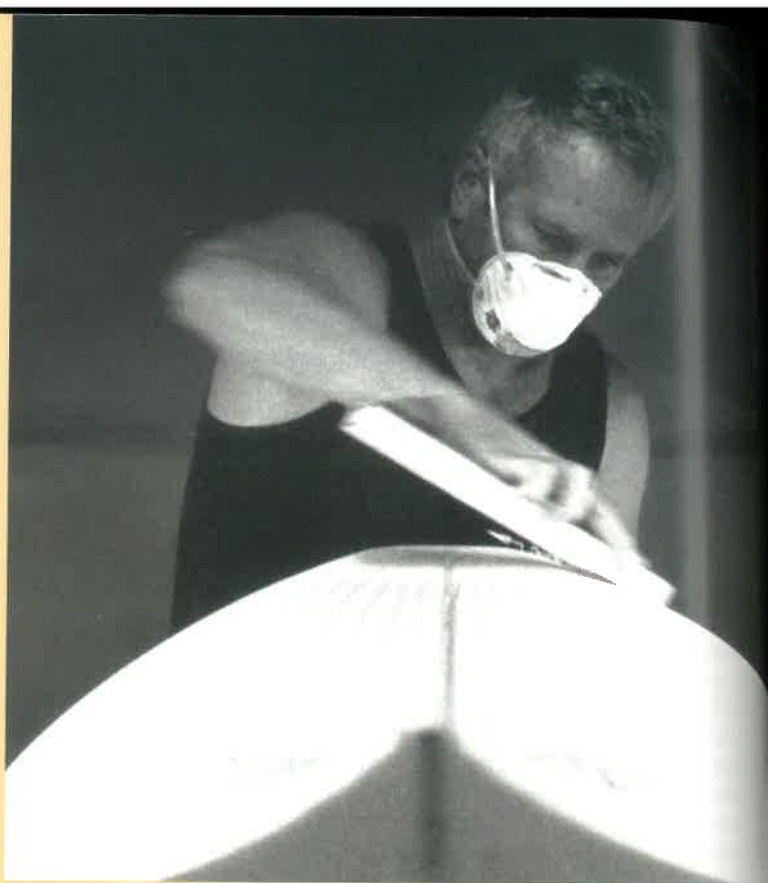
Infelizmente a valorização realmente aconteceu primeiro lá fora. No Brasil, o interesse e a aceitação da máquina começaram de um ano e meio para cá; exceto por alguns shapers com visão mais ampla, como o Ricardo Martins, o Joca, que desde o começo enxergaram a máquina do jeito certo, tanto que têm uma.

E a questão do software? Todo software tem suas versões...

Eu tô no software 8.0.; então, já houve oito evoluções no software. Na máquina, menos; foram quatro. Hoje ela está chegando ao "estado de arte" dela. Para evoluir, seria necessário saber se compensam o custo e os problemas que você pode ter com isso. Porque quanto mais complexa a coisa, maior a probabilidade de problemas. É como um carro: se você tem uma pane elétrica num desses veículos que têm tudo eletrônico, nem sair do carro você sai. E se você conseguir, quanto isso vai te custar pra consertar? Então, às vezes, vale a pena você ter uma coisa um pouco mais simples, mas que faça o mesmo trabalho, coisas mecânicas que te dêem um pouco mais de segurança.

Qual o maior mudança que a máquina te trouxe?

O que muda é que você passa a gastar menos tempo dentro da sala de shape, mais tempo pensando e cuidando daquilo que você tem que cuidar, o teu negócio, o teu cliente; mais tempo para surfar, para ficar na praia, para pensar sobre design. Você não vai chegar na sala de shape puto, olhando para o bloco e o bloco olhando para você... Tanto tempo nessa sala, dando voltinhas nesse cavalete... você fala: não vou agüentar, cara!



Pat Rawson O mago das pranchas

Por Alberto Woodward

Reconhecido nos quatro cantos do globo como um dos melhores shapers do planeta, Pat Rawson é famoso por suas guns, pranchas de tow-in e por nunca se deixar acomodar. Ele pesquisa, fuça e inova, sempre buscando novos materiais, novos shapes, incorporando idéias. Até prancha de kite ele anda fazendo. Rawson é um dos que testou e aprovou a tecnologia brasileira da nossa máquina de shape.

Quem não o conhecia até duvidava que fosse ele, aquele gringo grisalho de sorriso fácil e amigoso que circulava tranquilamente pela última Surf & Beach show. Mas era ele mesmo, Mr. Pat Rawson, shaper dos havaianos Kalani Robb, Bruce Irons e outras feras do WCCT, que estava no Brasil para promover a sua marca. Durante o mês de junho, Rawson passou um bom tempo na Surface, fábrica de Luciano Leão no litoral norte de São Paulo, produzindo seus famosos bólidos para ondas grandes. Bem... não podíamos deixar barato e fomos lá trocar umas idéias com o cara, para conferir seus novos experimentos e sua opinião.

Você tem sido considerado o melhor shaper para ondas grandes, mas em uma entrevista no Peru você disse que não era bem isso?

Durante a entrevista daquele campeonato eu estava explicando que não é como um músico. Talvez as pessoas digam: Pat é um grande músico do Jazz! Mas eu gosto de todas as músicas. Eu amo Jazz, esta é a minha especialidade. Surfe de ondas grandes e pranchas para ondas grandes são a minha especialidade, mas eu também gosto de fazer pranchas para tow-in, longboards e para ondas menores. Naquela entrevistas no Peru esse era o contexto do que eu estava dizendo: Tudo bem, eu sou conhecido pelas pranchas de ondas grandes, mas eu gosto de fazer todas.

Qual é a sua favorita para shapear?

Eu estou curtindo muito fazer kiteboards, agora. Eu não sou como o Jimmy (Jimmy Lewis, famoso pelas suas pranchas de kite), que na minha opinião é um dos melhores, se não o melhor. Eu acho as pranchas para kite bem legais, gosto da idéia de trabalhar com materiais diferentes, que são bem mais sofisticados do que apenas poliuretano, poliestireno, epóxi, air-bagging... Mas eu apenas brinco com os kiteboards, nesse ponto não estou planejando fazer kites. Talvez mais tarde, talvez para o Brasil eu faça um kiteboard, mas agora eu estou me concentrando nas pranchas de surf. Kitesurf é apenas um hobby.

Ouvi dizer que você trabalha meio que em parceria com o seu filho, ele te ajuda a aperfeiçoar seus experimentos?

Sim, ele tem boas idéias. O lance com o Ryan que eu gosto e vejo, é que ele curte experimentar coisas diferentes. Digo isso como amigo, não como pai coruja. Talvez algum dia ele vá praticar tiro, bang, bang, bang (ele gesticula), no outro dia ele vai estar andando de jet-ski, surfando ou fazendo kitesurf. Ele gosta de fazer várias coisas e é muito equilibrado. Ryan é bastante conhecido e respeitado no North Shore. Ele traz idéias para mim e eu junto às minhas idéias. Não tanto nos dois últimos anos em que eu estive viajando muito. Mas é bom ter alguém da família para isso. "Ei pai, eu gosto desse, tente assim..."

Você é um dos shapers que gosta de tecnologia e está usando a máquina do Luciano Leão. Afinal, ela é realmente boa?

Não, não é muito boa, é um presente de Deus. Como em um milagre, Deus veio até mim, tocou a minha cabeça e me deu. Porque eu economizo tempo, eu posso fazer todas as pranchas com um pedido comum. Eu posso pegar qualquer uma e mudar um pouquinho assim ou posso fazer grandes mudanças.

Quando você começou a usar a máquina?

Na verdade, comecei somente no ano passado. Meu primeiro cliente foi na Espanha. Desde então, já fiz cerca de 3.000 pranchas

em 18 países. A tecnologia me capacita a ter os meus designs e poder trabalhá-los em qualquer lugar, sem stress. No futuro, talvez o Ryan use este Rawson ou tenha um logo diferente. O seu apelido é Rhino, talvez a marca dele seja um rinoceronte, sei lá. Agora estamos apenas aproveitando... ele está curtindo a fase dele e eu estou desfrutando dos meus negócios, das minhas roupas (a minha esposa tem uma confecção). Tudo isso é curtidão! É bom ter 50 anos, ter meu próprio tempo e me sentir feliz. Eu me alimento bem, não bebo álcool... tudo legal. Mas a máquina está ajudando muito no meu trabalho.

Você faz pranchas no mundo inteiro, mas no Brasil está começando agora. Qual é a sua perspectiva para o mercado no Brasil?

É a minha primeira vez aqui e eu tenho alguns planos. Vou trabalhar com a loja G-Zero, do Pipo, e será muito bom porque ele entende e vê o valor da minha marca. Sei que existem bons shapers por aqui, mas o que pretendo é vender um produto diferenciado. É mais ou menos como acontecem com os carros; existem boas marcas nacionais, mas há quem pode ter uma Ferrari, um porche, etc. Este é mais ou menos a minha posição para o Brasil, finalmente chegar a um denominador comum depois de 4 ou 5 anos fazendo as minhas pranchas aqui. Contando com a ajuda e a instrução do Luciano Leão, tendo o marketing da G-zero e, talvez mais a frente, até fazendo as minhas roupas no Brasil.

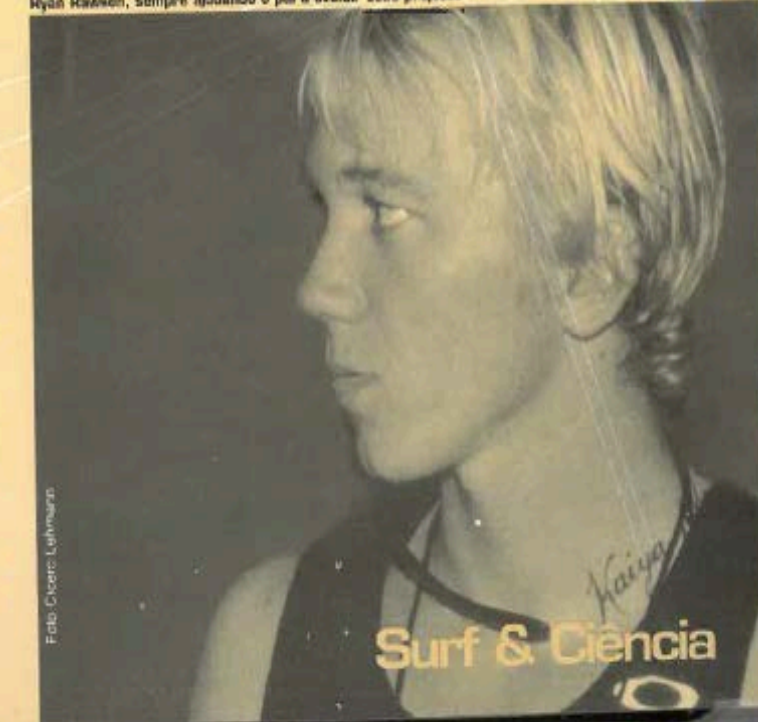
Nesta sua visita aqui você já está fazendo algum trabalho para brasileiros?

Peguei agora pouco dois meninos. Junior Faria - ele é muito novo, 15 anos. Talvez seja como um Bruce Irons ou algo parecido no Brasil. E Heitor Pereira, que também é muito bom! E tenho ainda alguns surfistas mais experientes, big riders como Sylvio Mancusi, Eraldo Gueiros. Tenho uma gama de clientes bem balanceada.

Quem é o surfista brasileiro que você mais admira?

Eu não quero ser puxa-saco, mas gosto muito do Taiu. Para mim foi um dos melhores surfistas que o Brasil teve. Ele se machucou e agora está paralisado, mas consegue ir até as pessoas e falar com elas. Eu realmente respeito pessoas como ele. Eu respeito todos os surfistas profissionais brasileiros, eles têm aptidões excelentes. Acho que é apenas uma questão de tempo para que um tenha o sucesso certo em um campeonato para ser vencedor. Mas eu fico com o Taiu.

Ryan Rawson, sempre ajudando o pai a evoluir seus projetos



Epóxi

Opção de revestimento para uma prancha mais leve

Por Viviane Palladino

Tecnologia, antes de tudo, é conhecimento. É por meio dele que o homem tem conseguido atingir pranchas mais leves e de melhor performance. Há não muito tempo atrás, muitos brincavam com aquelas pranchinhas de isopor para pegar as marolas bem no raso. Poliestireno expandido, o isopor, não é novidade para todo surfista que se preze. Nova é a maneira como ele está sendo utilizado para fazer pranchas hoje. Há mais de uma década se ouve falar da resina epóxi para a laminação de pranchas feitas com bloco de isopor, em busca de uma prancha mais forte, leve e fluida dentro da água. Atualmente, as técnicas utilizadas estão bem evoluídas e alguns shapers têm merecido destaque no uso delas.

No campo da engenharia, a resina epóxi é conhecida por sua resistência e capacidade anticorrosiva, sendo muito utilizada para revestimentos, construções civis e fabricação de barcos. Alguns shapers têm utilizado resinas que se adaptam bem às pranchas de surf, outros preferem algo desenvolvido especificamente para isso. Mas para chegar lá, o caminho foi longo. A aplicação da resina a blocos de poliuretano por meio do procedimento convencional foi feita algumas vezes, mas mostrou-se uma combinação incompatível. "A resina de poliéster corrói o isopor", explica o shaper e longboarder Neco Carbone. Descobriu-se então que o epóxi se adaptava bem ao isopor, e ficou claro para todos que tentaram que a resina epóxi é um material muito difícil de ser trabalhado, o que implica mais tempo para a confecção da prancha. Além disso, alguns testes com resinas incompatíveis e o uso incorreto do material fizeram com que as pranchas feitas de isopor e epóxi ficassem com uma fama ruim. Algumas pessoas fizeram questão de entender melhor como esse negócio funciona, acreditaram na idéia e se entregaram à arte de shapear e laminar uma prancha utilizando esses materiais.

Mário Firmino é um forte representante do grupo dos que defendem a laminação em epóxi combinada ao isopor. Na década de 80, ele passou alguns anos viajando para a França e tendo contato com uma fábrica de pranchas onde percebeu como a tecnologia poderia influenciar no shape das pranchas de epóxi. "O epóxi é um material muito delicado. Antigamente, muitos shapers tentaram fazer essas pranchas, mas difícil realmente é a fabricação em série. Não há fabricantes de bloco de isopor como os de poliuretano", ele explica, ressaltando a dificuldade em lidar com grandes quantidades. Após 14 anos trabalhando somente com isopor e epóxi (Mário não faz mais pranchas de poliuretano), hoje ele produz em média uma prancha a cada dois dias. Em sua oficina de shape, localizada na praia do Tombo, Guarujá, o shaper desenvolveu suas técnicas para a produção: desde o bloco de isopor, cujo fabricante Mário não revela, até a resina importada, que ele também faz questão de manter em segredo. Segundo Mário, todo o material usado em cada etapa da fabricação influi no resultado final. Tendo fornecido pranchas para atletas como Jojó de Olivença e Guilherme Herdy, hoje ele opta por investir em novos talentos, como Heitor Pereira e Júnior Faria.

Todos os dias merecem ser assim



Flojos

Outro nome forte no conceito de pranchas de epóxi é a Keahana (o grafismo "Karrana" foi alterado para uma melhor leitura no exterior), empresa que desenvolve artigos de surf. Com cinco anos de mercado, ela fornece blocos de isopor e um tipo de resina específica para cada etapa da laminação. Contando com parceiros do porte de Luciano Leão e Almir Salazar, a marca traz ainda o diferencial de contar com uma equipe de engenheiros e um material produzido no Brasil. Flávio Carioca, fundador da empresa, que começou com um grupo de amigos que fabricavam asas-deltas, conta que a idéia partiu do seu irmão, o atleta Cristiano Guimarães, que, ao conhecer o material, pensou que ele poderia ser usado em shapers. Flávio conta que no início o resultado já foi positivo, só que as pranchas não duravam. "Uma prancha convencional dura um mês ou dois para o atleta que compete. A gente quis construir uma prancha que durasse mais tempo e da qual o atleta tirasse o máximo de proveito", conta ele, enfatizando a resistência a altas temperaturas e a pressão interna das suas pranchas. Além disso, Carioca faz questão de lembrar que as pranchas Keahana possuem "memória", ou seja, um efeito bate-e-volta permite que a prancha agüente mais a batida do que as pranchas convencionais. A marca produz ainda um sistema de quilhas voltadas para o alívio de peso na rabeta da prancha. "Normalmente, uma prancha tem uns 2 quilos e mais 700 gramas de rabeta. Assim, 38% de peso está na rabeta, e o cara tem que colocar peso na frente para contrabalançar. As quilhas Keahana pesam 200 gramas a mais na rabeta depois de instaladas", explica Flávio.

Mas qual a diferença na água entre uma prancha convencional e uma feita com isopor e resina epóxi? O principal diferencial relatado pelos atletas é que elas são mais leves, de fácil remada e possuem mais flutuação.

Neco Carbone, que hoje trabalha com os dois tipos de pranchas, acredita na superioridade das pranchas feitas em epóxi. "Eu sinto que ela flutua mais e tem uma remada bem mais veloz". Neco vem trabalhando há cerca de 10 anos com Bruzzy (de Ubatuba), laminando, para desenvolver novas técnicas e conseguir um melhor resultado das pranchas de epóxi.

"Ela ganha mais velocidade, mais projeção, fica mais leve e funciona muito melhor", acrescenta o longboarder profissional Marcelo Freitas. Com uma prancha de epóxi shapeada por ele, Marcelo venceu a etapa espanhola do mundial de longboard deste ano. O filho do sr. Freitas afirma que, desde que a prancha de isopor seja bem feita, ela durará mais do que a convencional. "Eu já surfei vários tipos de mar, buraco e grande, e a prancha tá agüentando bem", completa ele.

Mas alguns shapers ainda questionam a durabilidade e a resistência do material e relatam que as pranchas feitas em isopor e epóxi possuem uma vida menor e quebram com facilidade. Zampol, experiente shaper nacional, chegou a trabalhar com isopor há cerca de cinco anos e hoje utiliza somente o poliuretano e a resina de poliéster. Zeca, da Over Reef, que faz a laminação para ele, conta que o processo era muito trabalhoso e arriscado. "É difícil trabalhar com os dois tipos numa mesma fábrica, você não pode misturar nada por causa da incompatibilidade dos

materiais. Além disso, o processo de secagem da resina epóxi é muito lento, o que acaba travando a produção." Ele complementa que as pranchas de epóxi são mais complicadas também no conserto: "Quando quebrava, entrava água pra caramba, e o conserto não dava uma aderência legal entre a prancha e o remendo". Avelino Bastos, talvez um dos shapers mais experientes do Brasil e que hoje prefere trabalhar no sistema convencional, explica que as vantagens de um e outro são amplas. "Sem dúvida, o poliuretano e a resina de poliéster são mais produtivos e dão um produto final de melhor qualidade. O isopor tem a possibilidade de ser mais leve, mas para você adquirir a mesma resistência que têm as pranchas de poliuretano, tem que deixá-lo com o mesmo peso". Ele afirma que a vantagem da prancha de poliuretano é sua consistência e flexibilidade, além de uma menor dissipação de energia, que se transforma em velocidade. Para Avelino, no caso do isopor e do epóxi, há uma perda maior de energia para a água (ou seja, se perde velocidade). "A vantagem de a prancha ser leve só é maior do que a velocidade, na minha opinião, para ondas bem fracas. Com o isopor, ainda não consegui fazer um produto no padrão de qualidade que eu quero e que a minha marca exige. Estamos em fase de estudos e testes. O meu objetivo é conseguir resistência e rigidez por um lado e baixo peso por outro."

Polêmica, existe bastante. Mas a pesquisa, o estudo e o constante desenvolvimento de técnicas e equipamentos para o surf só tendem a beneficiar o surfista. Cabe a você experimentar um pouco do resultado de cada coisa nova no mercado e escolher o que melhor se adapta a você e ao tipo de onda que gosta.



Fotos: Silvia Wink



www.opbrasil.com.br • (19) 3885-1524



CAMPEÃO 1º DESAFIO BRASILEIRO DE ONDAS GRANDES.



Tecnologia criando novos esportes

As novas tecnologias chegam para completar a necessidade do homem de estar sempre criando. Novos conceitos somados à tecnologia gerando novos esportes. Esta é mais ou menos a relação que faz com que apareçam espalhadas pelo mundo as mais diversas variações do surf na maior parte dos esportes que vemos hoje. Elas são adaptações do que uma prancha pode fazer quando colocada em lugares diferentes da água ou quando adicionada a outros elementos além da própria água. Wakeboard, windsurf, kitesurf, snowboard, skateboard, foilboard, carveboard e por aí vai... Isso sem levar em consideração outras invenções que por infelicidade (ou ineficiência) não vingaram; pranchas com dois bicos, borda dupla ou rabeta com muito mais do que quatro quilhas... e no embalo desta miscelânea, também favorecidos pela ciência, os acessórios intrinsecamente ligados à prática dos esportes evoluem. É a tecnologia a serviço do homem. Este ensaio é uma amostra do que um surfista com uma prancha e muitas idéias na cabeça pode fazer, utilizando conhecimento e ciência.

Nas nuvens e na água

O foilboarding é um esporte no qual o surfista é colocado na onda por um jet-ski e com bastante equilíbrio se mantém flutuando por todo o tempo em que a onda não quebra, e isso pode durar muito tempo! Sua quilha, chamada de hydrofoil, foi pensada a partir do princípio da aerodinâmica dos aviões e da hidrodinâmica utilizada por alguns barcos, onde depois de uma determinada velocidade, a nau perde o contato com a água, descola e navega sustentada por essas 'asas' submersas. É por meio desta quilha de quase 1 metro de altura que o surfista direciona a prancha e se sustenta. O brinquedo funciona bem em ondas pequenas e condições de pouco vento, mas pode ter uma boa performance nas ondas grandes, quando o atrito com a água fica menor ainda.



Outro boardsport interessante para quem curte voar sobre as águas, é o kitesurfing, que mistura surf, wake e parapente. Há dois tipos básicos de prancha: direcionais (que exigem troca dos pés para manobra) e bidirecionais (nas quais não é necessário trocar os pés, invertendo-se somente a pipa para manobrar). As pranchas grandes e com mais borda possuem maior flutuação. Já as pranchas menores orçam (aproximam o bico da prancha à linha do vento) com mais velocidade e com um ângulo maior, sendo muito utilizadas por quem já tem experiência. Quanto maior o vento, teoricamente, menor deve ser a pipa utilizada. E, da mesma forma, quando o vento estiver fraco, é necessário uma pipa maior. Hoje já existem pipas com sistemas de freio que facilitam o velejo em áreas de ventos inconstantes, onde rajadas maiores podem provocar situações bem complicadas.

Preço médio das pranchas de kite ano 2003: US\$ 700. Foilboard Rush Randle: US\$ 1.800



Texto e Produção Viviane Palladino
Fotografia Marcelo Naddeo
Assistentes: Rodrigo Figueira e Carol Nogueira

Surf & Cia



Raridades

Talvez os únicos exemplares existentes no Brasil, estes dois protótipos de skate que você está vendo aí foram na verdade criados para proporcionar a sensação do surf sobre a neve. A intenção é produzir um surf bem fluido só que em cima do asfalto. Com apenas duas rodas a mais que o skate comum (localizadas no meio de cada eixo), o **freebord** possibilita curvas mais fechadas ou cavadas mais longas, flips e 360°. As rodas adicionais deixam o skate bem mais solto e facilitam os saltos. É por meio delas que as manobras do snowboard são possíveis. Já as rodas de fora simulam as bordas do snowboard; ao colocar o peso nelas você faz curvas. Ao concentrar o seu peso no centro, a prancha desliza. Só experimentando para entender. Agora, se você domina um skate com quatro rodas, imagine um com sete em cada eixo! Além de ser fácil de andar, o **flowboard** tem um jogo lateral amplo e é próprio para a execução de carvings. Talvez seja o equipamento capaz de atingir a maior angulação com o chão que um skate não atinge - segundo o fabricante, 45°. A maior parte das manobras realizadas no skate comum são possíveis no flowboard, mas o design dele foi especialmente feito para a descida de ladeiras. Sob encomenda, custam cerca de US\$ 200 cada. Vale a compra!



Surf no asfalto

Um skate feito para surfistas. Já imaginou um skate com pneus, câmaras e amortecedores? Pois é, essa foi mais uma das últimas façanhas do gênio dos board-sports Laird Hamilton. Querendo proporcionar a sensação do surf, só que em cima do asfalto, ele criou um skate caseiro com pneus com a intenção de suar a camisa quando o mar estivesse flat. O **carve** traça linhas mais longas que o skate comum e com ele é possível fazer curvas que se assemelham às rasgadas dadas na parede de uma onda. Pela sua aderência com o chão, ele também pode pegar uma boa velocidade, chegando com segurança a uns 40km/h. Acha pouco? Preço médio: US\$ 600.

Surf & Ciência

Skate na água

Skate na água. Esse é o conceito do esporte que mistura skate e wakeboard. Pois é, foram uns camaradas da Flórida que tiveram a idéia e bolaram um wake específico para fazer as manobras do skate. A mais comum delas é o slide (deslizar de lado) sobre a marola produzida pela própria lancha que puxa o wakeboarder. Mas o mais alucinante é o que os caras fazem em cima de corrimãos, rampas e até halfs flutuantes, saindo, manobrando, e voltando para a água constantemente. Este que você está vendo aí foi shapeado por Jimmy Lewis, mestre dos kiteboards. Diferentemente do wakeboard comum, no **wakeskate** os pés vão soltos, possibilitando manobras como os flips, a prancha é bem resistente, possui um shape liso na parte de baixo e uma borracha EVA na parte superior, as quilhas são menores e a borda mais grossa. US\$ 700 o caldo!



A Mormaii investindo em surf seguro

Se você curte muito surf mas morre de medo dos caldos, esta novidade aponta para melhores situações para o seu lado. Um colete inflável da Mormaii feito de neoprene. É, isso mesmo. Você cai na água, surfa e, se tomar caldo, puxa a válvula ligada a um tubo de O₂ e seu colete inflará como um salva-vidas. Forma-se então um bolsão de ar no peito do indivíduo ao mesmo tempo que outra porção de ar é distribuída para as costas. O **Inflate** também funciona 'manualmente' para os casos em que o atleta tenha tempo de encher o colete com a boca, assoprando num pequeno tubo posicionado no outro ombro. O preço varia de acordo com a roupa utilizada.

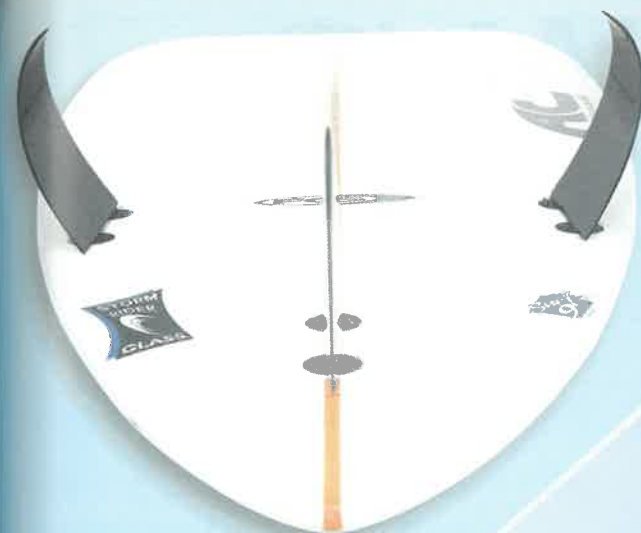


Conforto e segurança dentro da água

Alta tecnologia é a expressão que define a **The Solution**, uma roupa de borracha desenvolvida dentro dos laboratórios da Billabong internacional. Sem costuras nas áreas mais delicadas para o surfista, ela elimina a vulnerabilidade à entrada de água. As emendas são vedadas por impacto, a partir de uma tecnologia chamada IWSS (Impact Welded Seam Seal), que utiliza um processo de vulcanização para "colar as partes". Além de ser confortável, o neoprene recebe um tratamento para ficar impermeável e mais leve. Para garantir a retenção de calor, a **The Solution** utiliza atomização de alumínio em todo o neoprene e uma placa oca de fibra de poliéster na parte que cobre o tórax. Para adquirir a sua, você vai ter que desembolsar R\$ 1.300.

Versatilidade e durabilidade

Famosa no mundo todo por produzir pranchas de windsurf e equipamentos para kitesurf, a **Bic@ Sport** não poderia deixar de investir forte no surf. Fabricadas na França, as pranchas são conhecidas por sua durabilidade, design padrão e pela alta tecnologia. Um dos sistemas (CTS), muito utilizado em pranchas pequenas, baseia-se em um bloco interno de isopor laminado em fibra de vidro e resina epóxi. O resultado é um produto mais leve, resistente, porém, mais caro do que as pranchas comuns. Uma 6'10" (como a que você vê aí) custa em torno de R\$ 1.000. No entanto, as pranchas de ar comprimido, boas para iniciantes, são mais acessíveis. Neste sistema, o outline vem pronto, com dois furos para injeção de ar pressurizado e plástico líquido. As pranchas de alta durabilidade, mas menos performance, são produzidas a cada oito minutos. Preço da fun 7'3": R\$ 710. A empresa também está à procura de representantes em todo o Brasil. Contato: bicsport@prancharia.com



Detalhes que fazem a diferença

Não é novidade que as quilhas removíveis possibilitam um uso mais diversificado de uma mesma prancha. As diferenças sentidas na água são sutis, mas determinantes para um melhor aproveitamento do seu surf quando as condições do mar te pegam de surpresa. No caso das **quilhas curvas (CRV)**, o fluxo de água canalizado entre as quilhas impulsiona a prancha para a frente e facilita ao atleta atingir a sessão que se forma novamente no inside. Além de darem mais velocidade à prancha, as quilhas ficam levemente para fora do mar, deixando a rabeta mais leve e solta. Favorável a ondas pequenas e cheias. O jogo sai por R\$ 338.

Quilhas JET

Desenhadas por Avelino Bastos, as **Quilhas Jet** visam a mais velocidade em situações críticas. Nas falas do próprio criador: "Eu e o Teco Padaratz estávamos procurando soluções que proporcionassem maior velocidade nos extremos da performance. Pesquisei várias formas da natureza e elementos criados pelo design humano e descobri que a densidade do ar em altas velocidades se equipara à da água quando se surfa. Estudei as teorias das asas dos jatos de caça e apliquei em alguns protótipos de quilhas. Testamos dezenas delas nas mais variadas condições de surf no mundo, durante dois anos. Quando concluímos os testes, tínhamos algo que reduzia a resistência na água e permitia que o surfista pudesse exigir mais da prancha. Ter reações rápidas sob controle, fazer curvas com mais velocidade e alcançar aquela sessão fechando e fundamental para o atleta de qualquer nível". Sob encomenda com a prancha Tropical Brasil.

Windsurfing Hi-Tech

Desde 1998, quando foi criada, a **Fórmula** é a modalidade de windsurf que possui os equipamentos mais hi-tech do mercado. É também a categoria mais técnica. Esta é uma EXOCET 170 litros - de última geração, feita de bloco Divinice (um isopor bem comprimido, flexível e relativamente leve) envolvido em carbono. Mede 1.0 m de largura por 2.70 m de comprimento. As velas, assim como as pranchas, são também as maiores do mercado. Variam de 9.0 a 12.5 m². Os mastros são 100% carbono e, muitas vezes, reforçados com titânio, deixando-a flexível e resistente. Empolgou? É, mas vamos devagar, um equipamento completo de Fórmula pode ficar bem pesado no seu orçamento. Esta prancha custa US\$ 1650 e as velas variam de US\$ 850 a US\$ 1000 (de acordo com o tamanho).

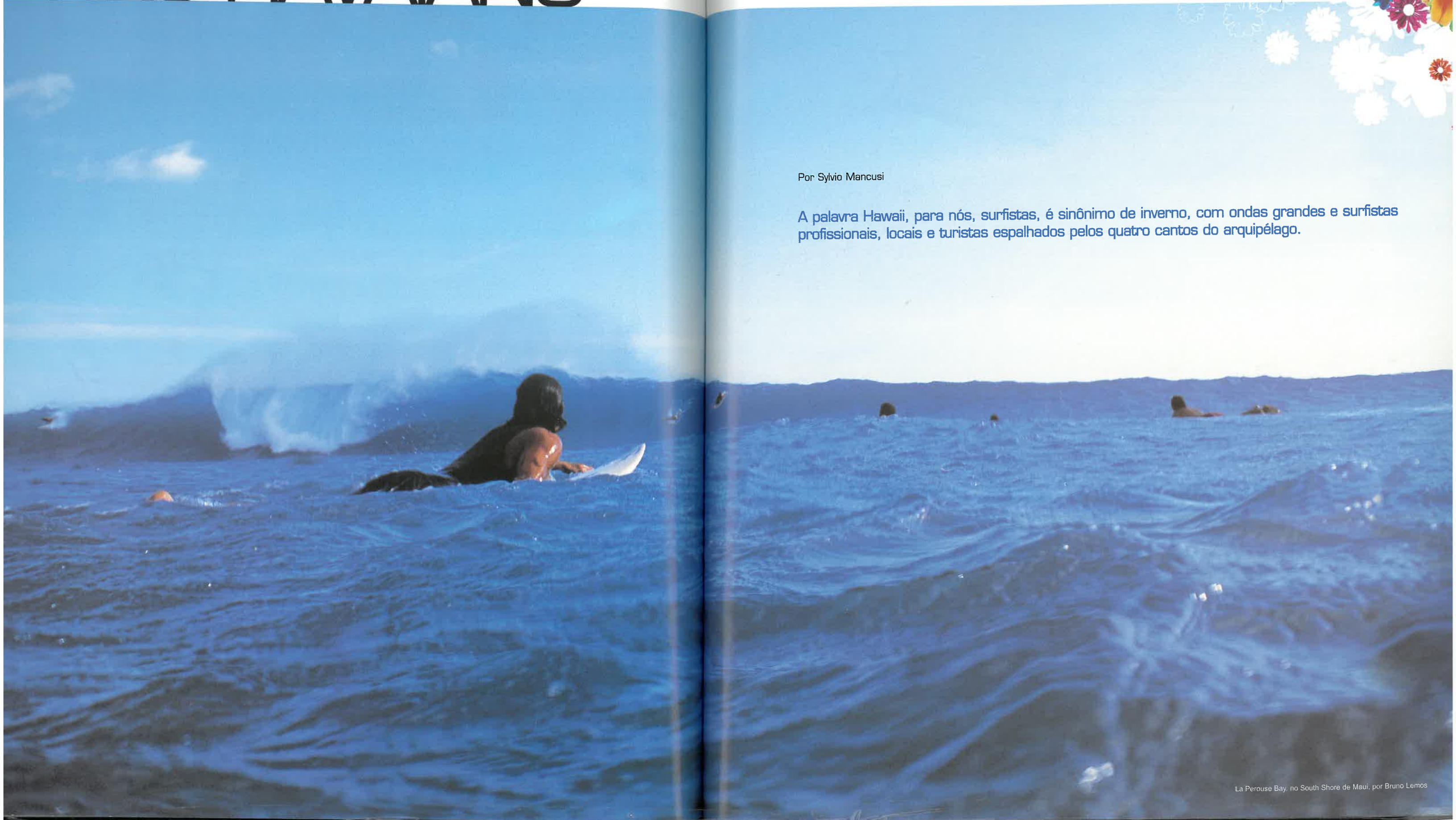


ERÃO HAVAIANO



Por Sylvio Mancusi

A palavra Hawaii, para nós, surfistas, é sinônimo de inverno, com ondas grandes e surfistas profissionais, locais e turistas espalhados pelos quatro cantos do arquipélago.





Mas durante o verão também é possível se divertir em todas as ilhas, onde rolam altas ondas e ainda um ótimo vento para os amantes de kite e windsurf. No South Shore de Oahu, o que a galera mais frequenta durante 365 dias por ano são os lindos shopping centers, lojas e cinemas. Os japoneses são a principal fonte de renda para os comerciantes há séculos. Na town (cidade) as ruas estão sempre movimentadas, e o trânsito nos horários de pico lembra o do Brasil. O swells vindos do sul são os que fazem as bancadas de verão funcionarem, para alegria da surfistada, durante o clima mais quente do ano. Esse tipo de swell caminha uma longa distância, atingindo primeiramente, com maior impacto, o Taiti, e depois de cerca de dois dias atinge as ilhas havaianas, já com menos força, mas suficientemente eficaz para ótimas sessões de surf.



VERÃO HAVAIANO



A perfeição de Maalea, por Bruno Lemos



Foto Bruno Lemos



Foto Sean Davey



Ala Moana varrendo, por Sean Davey



Bruno Lemos



La Perouse Bay por Bruno Lemos



Ala Moana bows por Sean Davey



La Perouse Bay



Derek Ho em Ala Moana por Sean Davey



Foto Bruno Lemos



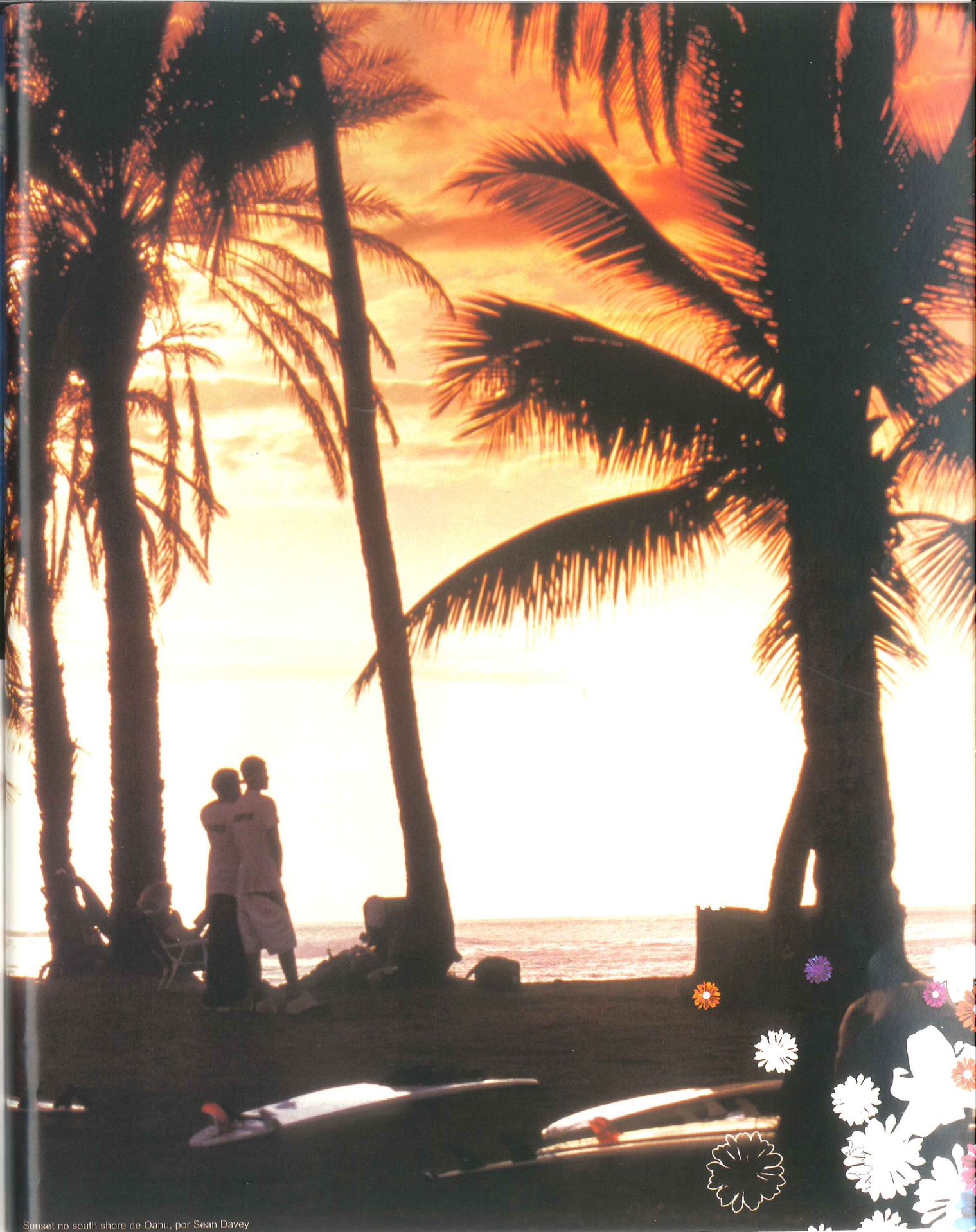


Maalea no South Shore de Maui, por Bruno Lemos

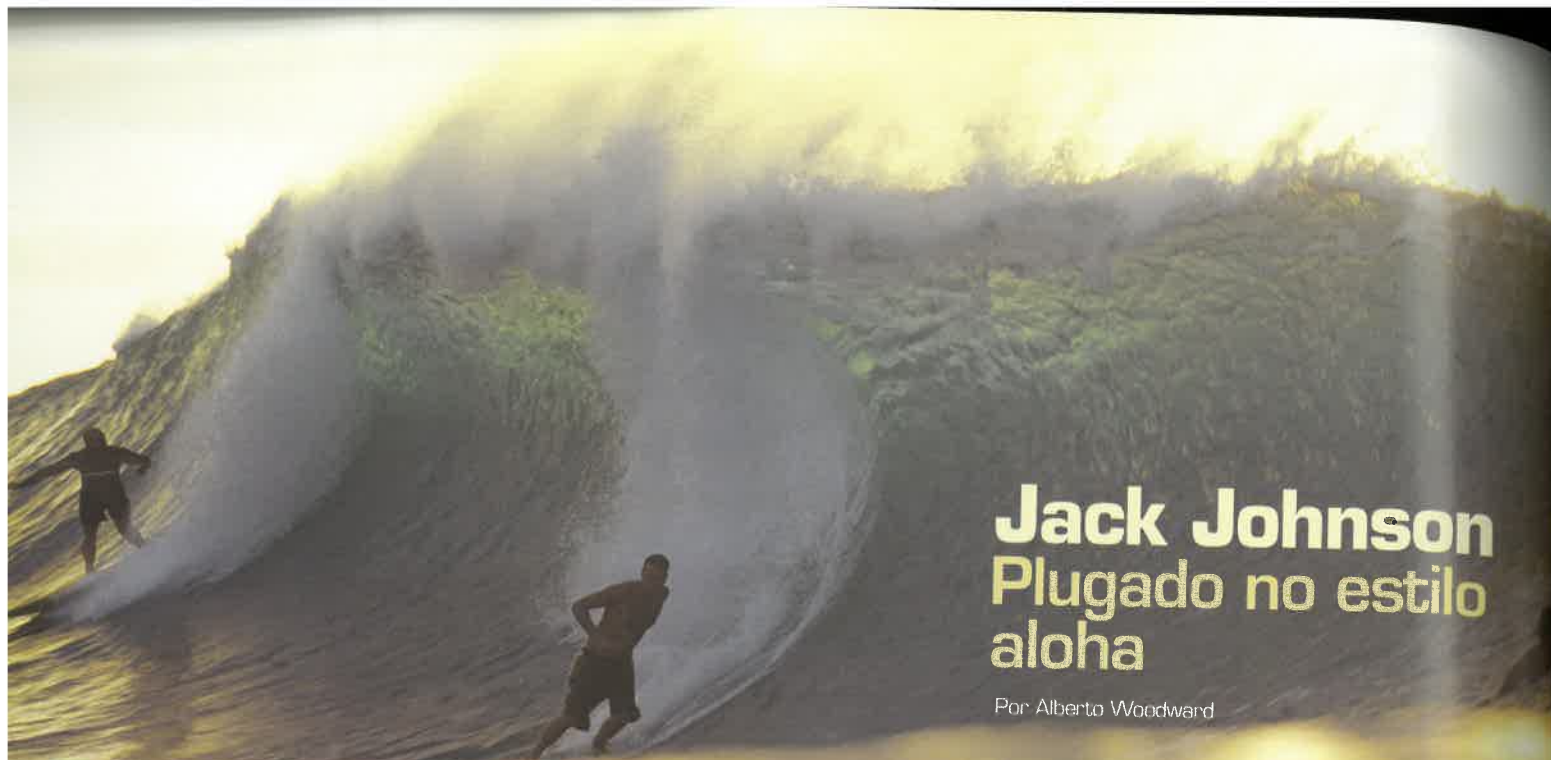
A onda mais famosa da town é o tubo de esquerda de Alamoana. O único agravante é que o crowd é duplicado de locais (town boys e locais do North Shore), e o line-up é bem pequeno e conseqüentemente aglomerado. Porém, com muita paciência e respeito, é possível desfrutar da jóia do South Shore. O "kaiser bowl" é um tubo de direita muito perfeito e uma parede muito manobrável, e aí o crowd é um pouco mais ameno. A esquerda de China Wall's é uma das melhores opções, e o acesso ao outside é muito fácil, é só pular das pedras no line-up. Na frente do vulcão Diamond Head, rolam ondas perfeitas e longas, freqüentemente próprias para um passeio de longboard. Os outer reefs (no outside) não são só privilégio do North Shore, e nos maiores swells do verão eles mostram os dentes, atingindo os 12 pés e possibilitando até um tow-in. Makapu, no lado leste de Oahu, é também um direita pesada, que lembra os fortes swells de inverno devido à difícil entrada e saída do mar, quebrando um tubo bem pesado na frente de um penhasco. Em Maui, na minha opinião, rola a melhor onda de todo o arquipélago durante o verão. É a legendária Maalea. Essa onda quebra raramente, necessitando dos maiores swells do verão para mostrar as caras. Eu nunca a surfei, porém vi um vídeo feito por um morador da ilha há cerca de 15 anos, o baiano Paulo Magulu, e fiquei de boca aberta, babando. A onda tem três sessões conectadas de tubo, e para passar por ela toda o felizardo necessita de muita habilidade, afinal o caminho do sucesso é só um – por dentro das três sessões de tubo em uma só onda. Em Oahu, e principalmente em Maui, o kitesurf e windsurf rolam épicos nessa época. Os ventos são bem constantes e freqüentemente na direção perfeita para as modalidades. Os melhores atletas do mundo se reúnem em Maui para desenvolver suas técnicas e participar dos eventos que rolam no local. Maui é o termômetro do kite mundial, e é ali que são testados os mais novos equipamentos e tendências. Nessa época, os surfistas profissionais locais costumam viajar para outros lugares, e o mais procurado pela galera são as também polinésias ilhas do Taiti. Outro local também freqüentado pelos havaianos é a Austrália e o México.

Passei pela experiência de surfar no verão havaiano no ano de 2000, e após esperar que terminassem as ondas grandes no North Shore, rumei para o Taiti com minha barraca e acampeei na frente de Teahupoo, na companhia de alguns colegas havaianos. Voltei já no final do mês de maio, e pude presenciar o vazio que toma conta do North Shore de Oahu, mas a cidade tem vida própria, e o número de pessoas nas ruas e no outside é praticamente o mesmo no verão e no inverno.

Boa viagem !



Sunset no south shore de Oahu, por Sean Davey



Jack Johnson Plugado no estilo aloha

Por Alberto Woodward

Um eterno amante do mar, da música, da imagem e da poesia, elementos que compõem o seu dia-a-dia, alimentando a sua alma surf. Natural do North Shore de Oahu, no Hawaii, praticamente veio ao mundo em cima de uma prancha, mas em vez de se tornar um profissional como alguns de seus amigos, optou por estudar cinema na Califórnia. A música? Bem, como todo bom cidadão das ilhas, Jack nasceu, cresceu e amadureceu naturalmente embalado por ela. Para ele pouco importa se sua música é sucesso ou não, o que interessa é viver os sentimentos e as emoções provocados pelas canções.

Cinema, surf e música, o cara é talentoso nos três e daria uma bela matéria sobre esses temas, mas como o assunto aqui é música, tentarei manter o foco sem deixar o resto de lado. Não estaríamos exagerando se disséssemos que Jack aprendeu a surfar quase ao mesmo tempo em que começou a andar. Aos 12 já "arrebentava" como gente grande em Pipeline. Lapidado pela influência de Jimi Hendrix, Bob Marley, Bob Dylan, Neil Young e outras feras de mesmo calibre, começou a tocar guitarra com 14 anos. Depois de se tornar campeão de surf aos 17, e mesmo tendo um patrocínio de peso, como o da Quiksilver, Jack resolveu tomar outro rumo, abandonar a competitividade do surf e ingressar na Universidade de Santa Barbara, onde se formou em cinema. Foi durante essa época que começou a escrever as primeiras canções, aproveitando as horas vagas entre o surf e os estudos para tocar em pequenos night-clubs ou bares, levando o seu som de sonoridade cool, numa mistura folk/blues/reggae que lembra bastante a música de Ben Harper, um amigo para o qual ele abriu os shows nas últimas temporadas. Foi também nesse período que realizou sua primeira produção cinematográfica, o documentário de surf *Thicker Than Water*, junto com seus companheiros Chris Malloy e Emmett Malloy. Não ganhou o Oscar, mas a revista *Surfer* apontou a produção como Vídeo of the Year (vídeo do ano em 2000), o que para um surfista tem até mais valor. Formado com louvor e com seu primeiro disco no forno, Jack se juntou a velhos amigos, como Rob Machado, Kelly Slater, Shane Dorian e Brad Gerlach, para uma trip em Sumatra, Indonésia, e sem grandes pretensões filmou tudo em 16mm. Kelly se lançou como produtor, e assim nasceu *The September Sessions*, lançado este ano no Brasil pela Universal. Resultado: o filme foi premiado como destaque do ano no Adobe Highlight Award, um festival de filmes da ESPN. Olhando sob a ótica hollywoodiana, os filmes de Jack não têm nada de mais, mas do ponto de vista dos filmes de surf, é quase como se ele introduzisse uma nova linguagem, usando película em vez de fita, elaborando um roteiro coerente, sincronizando as imagens cuidadosamente ao



jack johnson. on and on



Foto Universal Music

No topo, Jack Johnson (dir.) e Davey Miller (esq.), dropando em North Shore; No centro, a capa do novo CD; e acima, Jack Johnson

Alma Sonora



Foto Universal Music

Abaixo, capas dos DVDs *Shelter* e *September Sessions*, ambos disponíveis no Brasil



ritmo das músicas e finalizando (pós-produção) com esmero. Uma ponte do estilo de cinema *Endless Summer* com os VHS de surf.

Em 2001, mesmo ano do lançamento de *September Sessions*, saiu o álbum de estréia *Brushfire Fairytales*. Mais uma vez a estrela do artista brilha forte. A simplicidade da sua música (quase sempre acústica) somada à honestidade de suas letras e uma ajuda do amigo Ben Harper ganhou a simpatia da crítica e do público, vendendo 1 milhão de cópias e fazendo dele, definitivamente, um músico de sucesso.

Este ano a música de Johnson chegou ao Brasil com o lançamento do seu segundo álbum, *On and On*. O disco foi gravado no Hawaii e contou com a produção de Mario Caldato Jr. (Beastie Boys e Jon Spencer Blues Explosion). Saiu aqui quase ao mesmo tempo que no exterior e aponta para o mesmo caminho do trabalho anterior, agradando em cheio até aos ouvidos mais exigentes. Neste álbum, Jack aborda temas sociais, como em "Gone", que fala da dependência dos norte-americanos em relação a bens materiais; em "Cookie Jar" preocupa-se com a juventude

DVDs



TRYLOGY (The Cure) – Show gravado ao vivo durante as duas noites no Tempodrom de Berlim, em novembro de 2002. Uma apresentação épica que durou mais de três horas (são dois DVDs), apresentando músicas de três discos do grupo. "Pornography (1982), *Disintegration* (1989) e *Bloodflowers* (2000) têm uma relação extremamente profunda e complexa entre si, e a realização do show *Trilogy* é um dos grandes momentos da minha carreira no Cure", comenta Robert Smith.



THE DARK SIDE OF THE MOON (Pink Floyd) – Este é mais um daqueles DVDs da série Classic Albums, e bota clássico nisso aí! Afinal, esse trabalho, também conhecido como o disco do prisma, é certamente uma dos mais importantes da história do rock. Poder acompanhar o processo de criação do disco é uma verdadeira aula de como se fez uma obra-prima. Imperdível!



WOMAN OF HEART AND MIND (Joni Mitchell) – Eis aqui uma das grandes vozes da música que floresceu durante o período de Woodstock (detalhe: ela não se apresentou lá por pouco). Neste DVD podemos acompanhar toda a trajetória da cantora desde os tempos em que se apresentava como uma cantora folk, passando pelo período jazzístico até o pop. Entrevistas com David Crosby, James Taylor, Herbie Hancock e declarações da própria Joni Mitchell.

dos nossos dias; "Traffic in the Sky" apresenta outras perspectivas acerca da guerra; enquanto em "The Horizon Has Been Defeated" ele fala de suas reflexões frente ao mundo capitalista. Tais temas podem parecer chatos à primeira vista, porém a abordagem alegre e descontraída de Johnson dá um clima contrário, similar ao que fazia o saudoso Bob Marley.

Outro bom lançamento que acaba de aportar no Brasil é o DVD *Shelter*, um filme de Taylor Steele e Chriss Malloy produzido com o mesmo feeling e visão criativa dos seus antecessores *Thicker Than Water* e *September Sessions*. Aqui Johnson atua como músico, surfista, e ainda ajuda na seleção musical. Não sei o que dizem os críticos, mas para mim foi um dos melhores filmes de surf em que já bati os olhos. No elenco, além do próprio Jack, estão Shane Dorian, Mick Fanning, Kelly Slater, Rob Machado, Nat Young, Joel Tudor, Brad Gerlach, Taylor Knox, Ben Harper... Mais um filmaço a enriquecer o cabedal do nosso artista.

Quanto ao segredo do seu sucesso, ele é pragmático em suas entrevistas, e sempre comenta a importância de se fazer um trabalho com amor: "Não existem fórmulas para o sucesso, não dá para fazer nada contando com isso", comenta. Segundo o próprio, tudo o que fez até hoje não foi com a intenção de impressionar ninguém. Teve autenticidade, sorte e estava no lugar certo, na hora certa. Seu conselho para os novos músicos: "tocar com prazer seja em coffee shops ou num estádio lotado com 10 mil pessoas". Johnson acredita que o público, tanto no surfe, quanto na música, precisa saber que você está se divertindo naquele momento e que tudo é feito por prazer. Caso contrário, se o espectador não sentir isso, não vai gostar do seu show.

Jack Johnson não se incomoda de ser conhecido como músico de surf, mas se nega a aparecer em grandes publicidades com short havaiano na beira da praia. "Às vezes as pessoas aparecem de um jeito que elas não são na publicidade. Tenho sorte de sempre aparecer do jeito que eu sou, e consigo passar isso nas minhas músicas também."



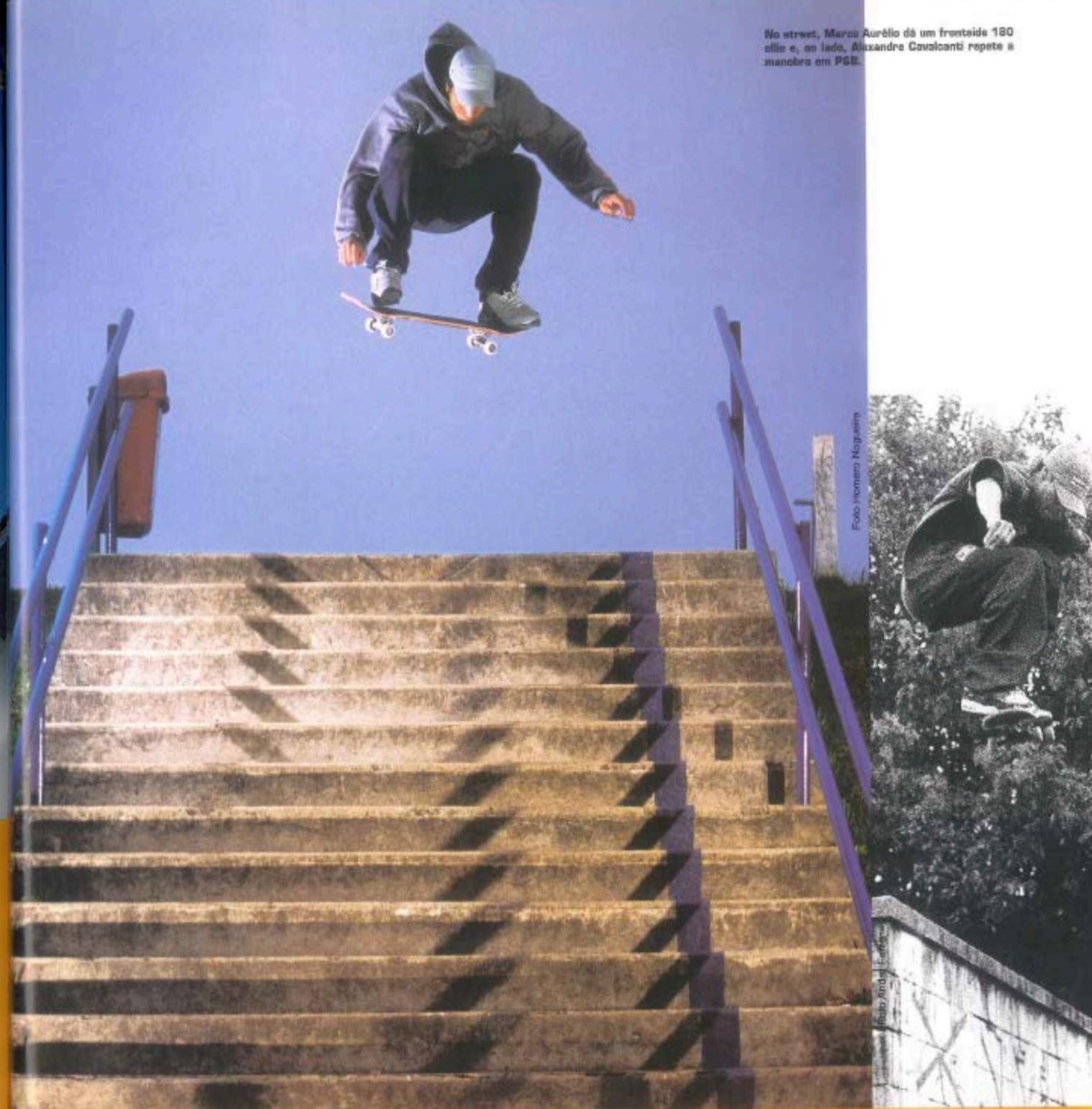
Foto Barry Tuck

Skate na alma

Por Juliana Moraes

Somos não somente a alma do surf, mas a alma de qualquer movimento que envolva sentimentos, adrenalina e cultura. Assim como o esporte das ondas, o skate é um estilo de vida, com linguagem própria, personalidade, movido pelo tesão, pela música e pela atitude. Lado a lado com o surf, ocupando a segunda posição entre os esportes mais praticados em todo o Brasil – só perdendo para a eterna paixão nacional –, o skate brasileiro é, por unanimidade, O MELHOR DO MUNDO.

Foto Otávio Neto



No street, Marco Aurélio dá um frontside 180 offie e, ao lado, Alexandre Cavalcanti repete a manobra em PGB.

Foto Romero Nogueira

Foto André Lemos

O skate já vem deslizando no Brasil há mais de 30 anos, porém enfrentou altos e baixos com o ciclo dos cinco anos (fantasma que assombrou a indústria até a década passada). Durante todo esse período, o "surf de calças" atraiu inúmeros adeptos em todo o país, foi aperfeiçoado, mas enfrentou alguns reveses semelhantes aos vividos pelo surf, como as marcas pirateadas de originais norte-americanas, nos anos 80, prorrogando a aceitação do skatista brasileiro no mundo. Na metade da década de 90, ressurgiu com força total a partir das conquistas internacionais de Bob Burnquist e Digo Menezes (campeões das etapas do circuito mundial do Canadá e da Alemanha, em 1995), e da curva de ascendência do mercado, que resolveu apostar seriamente no esporte como negócio. Despercebido, evoluiu gradativamente em termos de estrutura, de indústria (o Brasil fabrica skates e acessórios desde a década de 70/'80), na organização de eventos e principalmente na qualidade das manobras e na profissionalização dos atletas, atraindo assim a atenção da mídia. Mesmo com essa evolução, o esporte no país ainda está tomando aulas do mercado americano, que há anos vêm faturando bilhões de dólares por ano com a indústria do skate – campeonatos, streetwear, equipamentos, etc.



Foto Olavio Neto

Skate não tem idade: à esquerda, o guri Henrique Ique, de 11 anos, arrepiando em Porto Alegre e, acima, o campeão europeu "Legenda", Sergio Negão, de 41 anos, no auge de um frontside. Na página seguinte, o campeão europeu de street, Daniel Vieira "Piolho", dá uma amostra do seu ganha-pão.

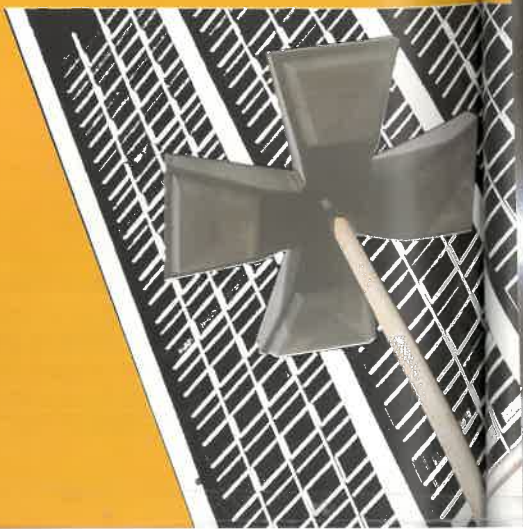


Foto Olavio Neto

Mas não há como culpar as marcas ou os empresários, pois vivemos num país novo, onde a cultura do esporte é recente e os investimentos, arriscados. Apesar de termos grande potencial em várias modalidades, seja por genética, clima ou geografia, temos uma economia tão incerta como a previsão do tempo na internet. Inevitavelmente, somos dependentes dela, da baixa inflação, da queda da inflação e da estabilidade do risco país para que o mercado infle e mova essa indústria do sk8 (fabricação, revenda e comércio de equipamentos, vestuário e calçados e algumas exportações), que, embora baixa comparada à do surf – que movimenta cerca de R\$ 3 bilhões por ano –, hoje já soma algo em torno de R\$ 200 milhões por ano, segundo a Confederação Brasileira de Skate.

Sobre os investimentos em atletas e campeonatos, também há uma crescente. "Embora o skate não receba os mesmos investimentos que o surf, por exemplo, está seguindo o mesmo caminho, e já está 10 vezes melhor do que era na década passada", admite Alexandre Vianna, presidente da CBSK e editor da revista *100% Skate*.

Com a ausência do fantasma do ciclo dos cinco anos, muitos profissionais do ramo voltaram para o mercado, realizando um trabalho de fomentação. Estimulados pela Confederação – que dá todo o suporte para o crescimento do esporte –, empresários se reuniram para criar em breve a Abrask – Associação Brasileira de Skate –, que terá como objetivo defender os interesses dos fabricantes de skate, confecções e similares. "É ainda um trabalho bem inicial. Melhorar a imagem do skate e a relação entre fabricantes, fornecedores, atacado e varejo está entre as nossas metas", fala César Gyrão, editor de revista especializada *Tribo Skate* e um dos participantes da associação.

Surf e skate

Diz a lenda que o skate surgiu nos anos 60, da necessidade de alguns surfistas californianos surfarem no asfalto nos dias pacatos de flat. Nessa época nascia o modelo básico de um skate, porém sua criação original é anterior aos anos 50, quando o equipamento não passava de um pedaço de madeira com quatro rodas. Desde então, ele se desenvolveu como esporte e estilo de vida no mundo todo. Assim como o surf, evoluiu nas manobras, criou uma identidade, estereótipos, estilos musicais e uma linguagem própria. Hoje, existem cerca de 2,7 milhões de praticantes no Brasil, sendo 400 mil somente na cidade de São Paulo (quase 15% dos skatistas do país), segundo pesquisa realizada pela Datafolha, em dezembro de 2002. Isso quer dizer que em aproximadamente 6% das residências do território nacional tem pelo menos um skatista arrepiando por aí, seja nas modalidades de street, vertical, downhill ou free style. Em relação ao surf: "Não há nenhuma pesquisa formal que calcule o número de surfistas, mas sabe-se que a indústria do surf ainda movimenta mais que a do skate em função da acessibilidade, e também pelo fato de a cultura ser mais antiga", afirma Juca de Barros, presidente da Confederação Brasileira de Surf. Considerado um esporte urbano, o sk8 é de fácil acesso, barato e cada vez mais consumido no Brasil. Todos os dias surgem novos praticantes, principalmente na modalidade street – que não necessita pistas especiais, nem equipamentos de segurança. O custo de um skate nacional de alta performance custa cerca de R\$ 250 e o importado, na cifra dos R\$ 500, enquanto uma prancha de surfe nova não sai por menos de R\$ 700.



Foto Otavio Neto

Adotado como política pública pela Prefeitura de São Paulo, o skate já é utilizado há alguns anos em favelas, comunidades carentes e presídios infantis, como principal ferramenta de disciplina e educação. Até hoje, cerca de 65 pistas foram concluídas – 44 pistas nos centros de bairros e 21 nos CEUs (Centros Educacionais Unificados) – e outras 22 serão construídas em breve. Segundo Michael Freitas Mahallem, coordenador de projetos da Coordenadoria Especial da Juventude, "temos proximidade com algumas associações de skatistas como a ASKI, Confederação Brasileira de Skate e outros grupos ligados ao esporte. Mas os skatistas, estão entre os mais bem organizados e sempre nos procuram apresentando propostas e reivindicações". Enquanto a tevê aberta resumiu sua programação a esportes como futebol, vôlei e basquete, a tevê a cabo abriu as portas para outros esportes – skate, surf e todos os outros esportes radicais – até então pouco divulgados. Muitas revistas surgiram na última década, porém poucas resistiram no mercado editorial. Hoje existem somente duas publicações nacionais de qualidade – *100% Skate* e *Tribo Skate* – e cerca de 10 regionais, espalhadas pelo país. Numa batalha diária pela divulgação do esporte, esperam pelo dia em que todas as casas do Brasil terão acesso aos flips, aéreos, carvings, ollies...

Profissão: skatista

Há anos temos grandes surfistas brasileiros disputando boas classificações no WCT – Tecu e Neco Padaratz, Fábio Gouveia, Danilo Costa, Victor Ribas e outros – e inúmeros atletas de windsurf, kitesurf, montanhismo e mountain bike brigando por um lugar ao sol. Mas, e no skate? No skate, somos o próprio sol, os melhores do mundo, os tops de linha do esporte! Por mérito próprio – e de algumas empresas apostadoras, é claro! –, os atletas vêm se destacando nos últimos anos, nos mais importantes eventos da modalidade.



Foto Andre Ferrer

Na temporada européia do circuito mundial, em julho deste ano, os brasucas das rodinhas obtiveram as melhores colocações da história em todos os eventos, seja no street, no vertical, nas disputas de melhor manobra e nas "lendas do skate". Embora o skate não tenha enfrentado o monopólio – australiano e havaiano – encarado pelo surf nacional, teve que derrubar as barreiras do preconceito em seu próprio país. Com a profissionalização do esporte na década passada, trabalhou sua imagem e conseguiu formar grandes ídolos do esporte. Dos 211 skatistas profissionais filiados à CBSK, 141 são competidores, e cerca de 20 vivem no exterior, desfrutando de pódios, aplausos e ótimos salários oferecidos por patrocinadores. Por aqui, a situação é diferente, porém promissora. Apesar de termos muitos profissionais desempregados, já existe uma gama que conseguiu transformar o esporte em meio de vida. Os poucos que conseguem essa façanha recebem até R\$ 3 mil reais por mês de marcas patrocinadoras dedicando-se exclusivamente ao esporte. Infelizmente, os profissionais menos favorecidos são obrigados a dividir seu tempo e energia entre um flip e um cartão de ponto. "Esse problema da falta de patrocínio faz com que muita gente tenha que tirar o dinheiro do próprio bolso para participar de campeonatos, ou então arrumar as malas e tentar a sorte na América", desabafa André Cywinski, um dos melhores brasileiros, na categoria vertical. Dono da produtora Família Brasil Vídeo, investiu na produção independente de um DVD no circuito europeu, durante quatro meses, e agora enfrenta inúmeras dificuldades para comercializá-lo. "Tive um custo alto com passagens, filmes e edição, e agora não consigo fazer com que as próprias empresas de patrocinados comprem um espaço para mostrar seus atletas e suas marcas." Apoiado pela ESPN Brasil – uma das incentivadoras no skate –, exibirá seu produto, *Eurotour 2003*, em setembro, e espera poder contar com anunciantes (e a gente torce para que isso aconteça!).

Outside

Lá fora, o cenário é muito diferente, especialmente para os atletas brasileiros que ganharam notoriedade no esporte. Depois que Bob Burnquist venceu campeonatos mundiais no vertical, conquistou – por unanimidade – títulos de melhor skatista do mundo pelas principais revistas e virou personagem de videogame, muitas portas se abriram para novos talentos. Profissionais como Sandro Dias "Mineirinho", Marcelo Kosake, Daniel Vieira, Rodrigo Teixeira, Lincoln Ueda, Rodil de Araújo Jr. "Ferrugem", Carlos de Andrade "Piolho", Wagner e Rodolfo Ramos e Sérgio Negão (este com 41 anos), entre outros, foram se destacando nos principais



o, o top Sandro Dias "Mineirinho" posa para a foto num
frontside "no foot"; acima, Danilo Dandi dá um frontside
slide; à direita, Wagner Ramos arrepia com as pernas
para o ar, no RJ. Na página seguinte: acima, o talentoso
Rodrigo Teixeira prova que é um dos melhores do street,
no histórico Pátio do Colégio, em SP;
abaixo, Lincoln Ueda, num line air alucinante



Foto Otavio Neto

eventos – sendo a maioria patrocinada por poderosas marcas de streetwear (em sua maioria, internacionais), que, além de oferecer ótimos salários, ainda pagam por campeonatos, demonstrações e campanhas publicitárias. Logo em seguida, uma lista de talentos que se destaca por aqui – tanto profissionais como amadores –, como, Guilherme "Gui" Zolin, Allan Mesquita, Henrique Vitória, Rodrigo TX e tantos outros que estão pipocando nas pistas. "Sobre os investimentos, não há comparação com a situação do Brasil, mas é estimulante na medida em que impulsiona perspectivas aos novos skatistas na gringolândia. Um detalhe importante é que muitos atletas chegam ao exterior como profissionais e são submetidos a um estágio de amadores antes de se firmarem como profissionais novamente", lembra o também skatista Cesar Gyrão. Além dos grandes investimentos em atletas, poderosas marcas e empresas estrangeiras realizam campeonatos de cair o queixo. Estádios lotados – só uma final do circuito europeu reuniu mais de 10 mil pessoas –, organização primorosa, divulgação e público provam que o skate já é um esporte de massas praticado e consumido no mundo todo.



Foto Eduardo Figueiredo/Familia Brasil



Ao lado, André Cywinski voa num indy fakie na temporada europeia; acima, Bob Burnquist mostra porque virou idolo mundial do skate.



LECIO NEGUINHO KAREN JON
tentbeach tea
 ROBERTALDO TIO
 SANDRO DIAS CARLOS DUDU EDGARD

av. Ramiro Colleone, 255 Centro - Sto André - São Paulo - Brasil tel.: 49



Carve Brasil tecnologia nacional

Por Robson Brandão
Fotos Alberto Woodward

Se você não sabe o que fazer para manter ou aprimorar sua performance no surf quando o mar está flat, aqui vai uma boa dica. Trata-se de um tipo de skate que traz para as ruas a mesma sensação e flexibilidade das principais manobras de curva que você realiza na sua pranchinha.

Skate longboard, snakeboard, sandboard, grassboard, mountainboard e por aí vai. As tentativas de simular o surf e as inovações tecnológicas não param. Já faz um tempinho que o tradicional skate ganhou uma opção turbinada para surfistas de todos os cantos, com praia ou sem praia. O "carrinho", batizado de "carveboard", foi projetado para viabilizar uma reprodução mais real das manobras de curva do surf, com o mesmo posicionamento de pés e bordas.

Mas a novidade mesmo fica por conta da tecnologia brasileira. Há poucos meses pintou no mercado o "carvebrasil", uma versão nacional e adaptada que aumenta a pressão na performance e reflete bem a atitude mais "atrevida" do brasileiro na hora de se jogar em algum esporte radical. Um aditivo a mais para realizar batidas, cut-backs e bottom-turns nervosos, tendo como playground as ladeiras da cidade. Do que já foi inventado até hoje, a melhor, mais fiel e mais radical tradução do surf no asfalto.

Com medidas próximas às do skate longboard, o carve é equipado com rodas maiores, eixos traseiros e dianteiros também graúdos e ligados a dois feixes de molas. E aí está o segredo da coisa. Como os eixos não são estáticos, ao se inclinar a borda da prancha para os lados, os eixos se articulam e permitem a realização de curvas bem fechadas. E graças também às molas, o shape ganha ainda mais mobilidade, inclinando-se com pouco esforço (chegando a uma angulação de até 45º!). Tudo isso somado a muita velocidade realmente nos dá a sensação de estar descendo um paredão no mar.

Jeitinho brasileiro

Para que pudesse ser totalmente fabricada no Brasil, a pranchinha original desenvolvida pelos americanos sofreu modificações no design e no tamanho do shape, assim como nos eixos e nas molas. O suficiente para ganhar mais punch nas manobras. Quem afirma isso é o carioca João Paulo Caruso, 24 anos, empresário e surfista radicado em São Paulo, proprietário da Carve Brasil. O cara conheceu esse esporte numa viagem aos Estados Unidos em 99, voltando de lá com uma board na bagagem e entorpecido pelo "brinquedinho". Após trabalhar como representante do carveboard em terras tupiniquins,



BULLY'S



Everaldo  Teixeira



PLP - Confeção Importação e Exportação LTDA. • Tel. (11) 5535.2761 / 5543

decidiu transferir a produção de todos os componentes desse carrinho para o nosso país, pois as disparadas do dólar inflacionaram o preço do equipamento, inviabilizando a importação e expansão da modalidade entre os brasileiros. Além disso, "os gringos (a família Gerlach, inventores do carveboard) não se interessaram em expandir o carve como esporte por aqui, então a solução foi montar nossa própria prancha", conta João. Dois anos de pesquisas e projetos culminaram finalmente em 2003 com o lançamento do modelo nacional. Por causa das alterações no projeto, e por uma questão de patente industrial, passou então a se chamar carvebrasil, ou apenas carve. E ao lado dos parceiros e riders Rafael Schmidt, 20 anos, e Renan Benites Cardoso, 19, João Paulo acredita que o esporte vai além de um simples exercício para o surf. Ele acha que em pouco tempo a modalidade pode até virar uma prova em campeonatos do naipe dos X-Games da ESPN.

O tempero nacional

No carve brasuca, nose e tail não têm lados definidos, como no modelo gringo, o que permite os truques de troca de base, tipo o 180°. O shape também é menor e mais leve, muito parecido com um longboard. E, diferentemente da prancha ianque, as rodas abandonaram o padrão de pneus calibráveis com ar. Uma combinação especial de materiais, à base de borracha maciça e poliuretano (na levada das rodinhas de skate), diminui o excesso de aderência ao solo e aumenta a radicalidade das curvas e manobras. Para se fazer uma comparação simplificada, é só imaginar o seguinte: o carveboard gringo está mais para o surf clássico, com linhas bem desenhadas, curvas longas, tipo Gery Lopes. O carvebrasil acompanha a batida do surf moderno, com manobras agressivas, muito slide, troca de base e curvas pra lá de zangadas. Uma onda mais Kelly Slater.

Aí a escolha é sua. Independentemente do estilo preferido de surf, quem é fissurado por esse tipo de emoção vai entender o que estou falando assim que descer uma ladeira a bordo de um carve. E apesar de não funcionar em skateparks, meu irmão, o negócio é da pesada. A reportagem da **Alma Surf** conferiu de perto, testou o equipamento e saiu da ladeira amarradona. Então, se você ficou interessado, pode buscar maiores informações com essa rapaziada nos endereços: www.carvebrasil.com.br ou www.carveboard.com.



Board grafia

Reza a lenda que o primeiro protótipo do esporte surgiu por volta de 1992, pelas mãos do surfista e multiatleta havaiano Laird Hamilton, notório caçador de ondas gigantes e adrenalinas diferentes. O cara teria encarnado o professor pardal e, usando materiais de skate e pneus de bicicleta, inventou o embrião do que viria a ser pouco depois o mountainboard – criado em San Francisco (EUA) no ano de 1993. Mas o sistema de inclinação e molas já dava seus primeiros e importantes passos. A partir daí, foi a vez de o surfista profissional americano Brad Gerlach aprimorar todo esse conceito e, em 1997, lançar o carveboard. Atualmente você pode encontrar a pranchinha por quase toda a Europa, Coréia, Japão, Austrália, Brasil, Canadá e Estados Unidos. E segundo o próprio Brad, "o carveboard é o que existe de mais moderno em treinamento para surfistas".

Ficha técnica

Comprimento do shape: 40 polegadas
Tamanho da roda: 5 polegadas
Altura em relação ao solo: 13 centímetros
Material das rodas: alumínio
Material dos pneus: borracha maciça ou PU (poliuretano), similar ao do skate
Material do shape: madeira (marfim nacional)
Material dos eixos: alumínio

Foto Divulgação

Litoral Brasil



Fit you better!!!

Evolução

Por Taiu Bueno

As coisas na vida não param de se transformar. Tudo muda tão rápido que em alguns anos é incrível como as coisas ficam diferentes! No surf, as fotos de hoje nos mostram as manobras um pouco diferentes. Os vãos são uma constante no repertório atual, porém as outras manobras, como o tubo ou a rasgada, pouco evoluíram. Talvez nem tenhamos mais muito para evoluir em cima de uma "velha" três-quilhas. Truques de 360 já são bem antigos. Do esporte surf, nasceram muitos esportes radicais, como o skate, o snowboard, o skysurf, o kite e o tow-in. Dentro do próprio esporte, falando sobre o modelo da prancha, desde o Simon Anderson que não acontece nenhuma mudança significativa. Tom Carroll foi campeão mundial em 1984 com uma três-quilhas e o Andy Irons em 2002 também. As competições então não mudam nada... até alguns juizes continuam os mesmos de 20 anos atrás. Os critérios de julgamento demoraram demais para descobrir e valorizar finalmente o powersurf e também as inovações. Quantos animais do passado, estilo Leo Neves, se deram mal? Neste ano já houve uma grande evolução do surf ao nível da mídia. O surf finalmente [demorou demais...] foi incluído nos X-Games, no formato de jogo com disputa de ligas de surf, graças à idéia do ex-top da ASP Brad Gerlach, que inventou essa nova aplicação do esporte de uma maneira que entretenha mais os espectadores. Por isso, os integrantes pioneiros deste marco histórico [Slater e cia.], todos com uma visão e um desejo sólidos de ver a evolução do esporte, unindo as influências fortes que exercem na comunidade surfística, conseguiram levar o surf aos X-Games. Quase que eles [Slater, Hobgoods, Lopez, Dorian e O'Connell] foram punidos e banidos da ASP por aceitarem participar. Pelo fato de a divulgação televisiva ser muito maior nos X-Games do que a que existe normalmente [quando existe] nos eventos WCT, aconteceu uma cutucada forte na ASP, no sentido de que ou eles aceleram ou o esporte deve sair dessa mesmice de décadas [monopólio ASP] para outros universos, tipo X-Games...

Para finalizar, muitos acham que nós, surfistas, somos, ou nos promovem a isso, seres ecologicamente corretos. Mas nessas mutações, para onde vão as pranchas velhas, as sobras das resinas e o pó não usado do poliuretano? Será que ninguém nunca pensou em reciclar?

Estamos quase no ano de 2004, e talvez esse problema da poluição somente seja sentido daqui há alguns anos. Muita tecnologia, progresso e evolução, sem pensar no lixo, é um lixo. Reciclar talvez seja o único caminho.

Pensando com otimismo, nossos filhos ainda poderão curtir um pouco esse planeta na escala "satisfatória". Mas e os nossos netos? Estes vão pegar o nosso antigo planeta Terra transformado em planeta Lixo. Salvem o planeta!

Aloha

Taiu



REEF

STEOME



Entre amigos somos quem somos.

www.lulul.com.br

foto: www.foto



Lulul

Essencialmente

aquaflex
OSAKLEN BOARDSHORTS

foto: Clemente Coutinho

Phil Rajzman - Fernando de Noronha



OSAKLEN